

Jostein Gaarder

VIAGEM A UM MUNDO FANTÁSTICO



EDITORIAL PRESENÇA

Jostein Gaarder
VIAGEM A UM MUNDO
FANTÁSTICO



EDITORIAL PRESENÇA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



Estrela
do Mar

Viagem a Um Mundo Fantástico é a obra que assinala a estreia de Jostein Gaarder como autor de literatura infanto-juvenil. A curiosidade inteligente e o espanto perante os mistérios do mundo, constantes em todos os seus livros, são, também aqui, uma presença indelével desde a primeira página - «Alguma vez pensaste no que está para além das estrelas? O que é que fica para além de todas as coisas?» Para além de todas as coisas, conta-nos Gaarder, fica Sukhavati, a terra onde vivem Lik e Lak, os gémeos que irão protagonizar esta aventura. Um dia, Oliver, que tem uma imaginação riquíssima, conta-lhes uma história maravilhosa sobre um planeta, a Terra, que eles não conseguem esquecer. E o desejo de conhecer esse lugar torna-se tão grande que acaba por se transformar em realidade, e Lik e Lak viajam, dentro de uma bola de cristal, até à Terra, com uma missão importantíssima que nos fará, a todos nós, olhar para o nosso mundo com olhos novos...



EDITORIAL PRESENÇA

JOSTEIN GAARDER

Viagem a Um Mundo

Fantástico

Tradução de Maria Luísa Jacquet

FICHA TÉCNICA

Título original: *Barna Fra Sukhavati*

Autor: *Jostein Gaarder*

Tradução: *Maria Luísa Jacquet*

Capa: *Ana Nolasco*

Pré-impressão: *Textype — Artes Gráficas, Lda.*

Impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição, Lisboa, Agosto, 2000

2.^a edição, Lisboa, Fevereiro, 2001

3.^a edição, Lisboa, Abril, 2002

4.^a edição, Lisboa, Março, 2003

5.^a edição, Lisboa, Março, 2005

À Nikolas

A FLOR DE CRISTAL

Alguma vez já olhou as estrelas?

Alguma vez já ficou muito tempo na rua só para olhar as estrelas? Tanto tempo que até sentiu a cabeça girar? Não por estar com a cabeça virada para cima, não, mas porque o teu olhar consegue chegar tão longe.

Quanto mais escura é a noite, mais longe chega o teu olhar...

Já pensou no que há *atrás* das estrelas alguma vez? Há outras estrelas, claro. E atrás dessas outras?

O que existe para lá de todas as coisas?

Para lá de tudo o que vemos, existe o país de Sukhavati. Há montanhas altíssimas e vales profundos, mas não pense que Sukhavati é um planeta.

Se você vivesse no país de Sukhavati, poderia caminhar eternamente sem nunca voltar ao ponto de partida.

Está vendo um campo de futebol? No centro do campo, há uma bola. O nosso Universo também é como uma esfera que se encontra num ponto do país de Sukhavati.

Quando, numa fria noite de Inverno, nos pomos a olhar as estrelas, podemos vislumbrar os contornos dessa esfera. Mas nosso olhar nunca conseguirá penetrar o país de Sukhavati.

Quantos anos têm?

Talvez dez, talvez setenta.

Ter vivido dez ou setenta anos não significa ter vivido muito tempo, se pensar que o Universo tem muitos milhares de anos. Mas às vezes temos a sensação de existir desde sempre!

Não conseguimos nos lembrar do nosso nascimento. Desde quando nos lembramos de alguma coisa, parece-nos que estivemos sempre aqui...

No país de Sukhavati também há pessoas. Só que essas pessoas existem desde sempre, não nasceram de uma mãe, como nós. Também nunca adoecem. E nunca hão de morrer.

Tudo o que existe no país de Sukhavati, nunca deixou de existir.

Naquele país infinito, vivem apenas dois meninos. Chamam-se Lik e Lak, e têm mais ou menos o mesmo aspecto das crianças que vivem no Mundo. Lik é uma menina de longos cabelos escuros e olhos castanhos. Lak é um rapazinho, tem olhos azuis e cabelos um pouco mais claros. Ambos vestem lindíssimos trajes verdes.

Há uma única grande diferença entre Lik e Lak e as crianças do Mundo: Lik e Lak não têm umbigo. Se tirassem as suas roupinhas verdes, imediatamente perceberia isso.

Todos os seres humanos que vivem na Terra, têm um umbigo no centro da barriga, porque um dia, todos estiveram no ventre da mãe.

Lik e Lak nunca foram recém-nascidos: sempre foram tal como são, desde a eternidade. Embora não tenham nem um pai nem uma mãe, são normalmente chamados «gêmeos».

Os gêmeos de Sukhavati costumam brincar em cima de um grande monte de pedras que fica atrás do Monte Sunyata. Nunca

têm que ir dormir quando se anoitece: no país de Sukhavati não paira jamais a escuridão. Lik e Lak brincam até terem vontade; quando estão cansados, tiram uma soneca.

Naquele monte onde brincam, há muitos milhares de pedras de todos os tamanhos. Umas são pequeninas como ervilhas, outras são grandes como montanhas.

Com todas aquelas pedras, Lik e Lak construíram um grande castelo, um castelo verdadeiro, com muitos andares e muitos compartimentos, com torres altíssimas, salas enormes e profundíssimos subterrâneos. Este castelo chama-se Ananda.

Não é de estranhar que tenham conseguido construir Ananda, já que trabalham na sua construção há milhares de anos.

Às vezes, Lik e Lak brincam de esconde-esconde no castelo de pedras. Podem levar horas ou mesmo dias para se encontrarem e, se por acaso, levam uma semana inteira, não é por isso que se afligem.

Lik e Lak não contam as horas. Por que haveriam de fazê-lo?

Às vezes acontece que se cansam e precisam dormir um pouco, enquanto um procura o outro ou espera ser encontrado. Não é preciso deixar de brincar para comer. No país de Sukhavati ninguém precisa se alimentar, e Lik e Lak o fazem só quando Olívia prepara qualquer coisa especial.

No país de Sukhavati o corpo não se altera nem um milímetro. Os cabelos e as unhas não crescem. Lik e Lak não precisam sequer se lavar. No país de Sukhavati tudo é limpíssimo.

Normalmente, depois de brincarem de esconde-esconde ou de construírem mais um bocado de Ananda, as duas crianças vão procurar Oliver. Para eles, é o cúmulo do divertimento. Oliver sabe criar coisas extraordinárias e, ainda por cima, conta histórias.

Oliver conta histórias a Lik e Lak, desde sempre, até onde chegue a memória deles. Nunca repete a mesma história, inventa sempre outras novas. Mas diz que estão todas ligadas umas às outras, porque todas falam do Mundo.

Lik e Lak acham incrível que na cabeça de Oliver haja espaço suficiente para toda a história do Mundo.

— Como é que consegue inventar estas histórias todas? — perguntam-lhe.

— Pronto, pronto, acalmem-se! Como sabem, Sukhavati existe desde sempre. Por isso eu tive todo o tempo que queria para inventar a história do Mundo.

Oliver habita uma imensa gruta situada no sopé do Monte Sunyata. A gruta chama-se Pleroma e o exterior está pintado das mais vivas cores: vermelho, azul, amarelo e roxo.

Basta entrar em Pleroma, para se perceber que é um grande mago que vive lá.

— Hei de continuar a inventar coisas até o último dos meus dias — declara Oliver — Como sabem, é o mesmo que dizer que continuará por toda a eternidade.

Oliver não se limita a criar a história do Mundo que depois conta a Lik e Lak. As paredes de Pleroma, estão cobertas de vitrines com portas de cristal. Lik e Lak não se cansam jamais de admirar os milhares de minúsculas figurinhas e de objetinhos mínimos que aquelas vitrines exibem: foi Oliver quem os fez.

Quando Oliver está só, e o está durante a maior parte do tempo, quase sempre está sentado numa cadeira de balanço amarela fumando seu cachimbo.

Mas não pense que o faz porque gosta muito. Na verdade, ele não é um grande amante de tabaco. Todo aquele fumar se destina unicamente a criar formas engraçadas com as nuvenzinhas de fumo que saem do cachimbo. Se entrasse na gruta de Oliver enquanto ele fuma cachimbo, pensaria com certeza que pessoas e animais estavam a dançar pelo ar.

No país de Sukhavati não há animais. Mas Lik e Lak conhecem todos os animais da Terra através daquelas nuvenzinhas de fumo. De fato, Oliver consegue mostrar a Lik e Lak, com o fumo do cachimbo, tudo o que lhes conta sobre o Mundo.

Mas ainda não lhes tinha dito que, a um canto da sala, se encontra uma enorme jarra de cristal, cheia de minúsculas bolinhas de papel de várias cores. Não são umas bolinhas quaisquer, não: são sementes da criação.

— Meninos! — diz Oliver a Lik e Lak — vão buscar umas sementinhas.

— Hurra! — exclamam então Lik e Lak, todos contentes. Oliver joga então um pouco de água num pratinho, que vai buscar num balde que tem sempre debaixo do banco, e põe lá dentro umas quantas bolinhas de papel. E aí acontece uma coisa que Lik e Lak acham sempre divertidíssima, apesar de a terem visto inúmeras vezes.

As bolinhas absorvem a água e começam a crescer, a crescer, transformando-se em grandes leões e elefantes, aranhas e tufos de murtas vermelhas, rãs e tartarugas, cavalos e ovelhas, árvores e casas, homens e dinossauros.

Tudo isto dura apenas uns minutos; depois, as sementes da criação voltam a secar. Para Oliver não resta senão recolhê-las e

tornar a pô-las dentro da jarra de cristal. Algumas vezes, porém, as sementes da criação que vão para o pratinho cheio de água, são tantas e tantas que, de repente, começam a ganhar forma nas mais diversas imagens, e então a gruta fica repleta de figuras de papel.

Se Oliver está um tanto de mau humor, às vezes é esta a forma que encontra para mandar Lik e Lak embora. As crianças vêm-se obrigadas a fugir de Pleroma porque não há mesmo mais espaço.

— Eh eh! — grita Oliver — Corram, corram, fica-lhes bem mesmo!

Não é possível falar de Oliver sem contar da esplêndida Flor de Cristal, que cresce lá no alto, ao longo da encosta que nos leva ao Monte Sunyata. É uma pequena flor azul, não muito maior que uma erva. Olívia chama-a Erva das Lágrimas.

Entre as pétalas da Flor de Cristal, cresce sempre uma gota de cristal. Uma vez por ano ela cai e, escorregando encosta abaixo, transforma-se numa pequena pérola que acaba por cair sobre um grande alpendre situado à entrada de Pleroma. Ouve-se então um «Pling!», e o som ecoa muito longe, porque em Sukhavati reina sempre um grande silêncio.

Oliver recolhe aquelas pérolas de cristal e guarda-as ciosamente: elas são o seu mais precioso bem. Lik e Lak sabem também que ele só as usa quando deve construir qualquer coisa absolutamente extraordinário. Oliver disse-lhes, uma vez, que a Flor de Cristal guarda um grande segredo, mas que nunca poderá revelá-lo a Lik e Lak. Os dois meninos pensam tratar-se de alguma coisa muito triste, porque Olívia diz que a Flor de Cristal chora, e que a gota que está entre as pétalas é uma lágrima que se transforma em pérola mal começa a descer a encosta.

Você deve estar pensando que derramar uma lágrima por ano não é propriamente uma tragédia. Mas no país de Sukhavati o tempo passa tão lentamente, que é impossível compará-lo com o nosso. Olívia diz que a Flor de Cristal se desfaz em lágrimas...

Às vezes, Lik e Lak sentam-se à frente da flor e esperam que a pérola de cristal caia. Tentam calcular o tempo em que ela deverá cair, mas não raro ficam ali sentados um ou dois meses sem que nada aconteça.

— Vai cair! — gritam eles no exato momento em que a gota se desprende das pétalas da flor.

Depois acompanham com o olhar o movimento da pequena pérola, que se enfia por uma fenda da rocha, deslizando até Pleroma.

«Pling!»

Leva muitas e muitas horas naquela longa caminhada. Depois passa-se mais um ano até se iniciar um novo ciclo.

«Pling!»

OLIVER E OLÍVIA

Lik e Lak estão brincando de esconde-esconde dentro de Ananda. Já passaram três meses e Lak ainda não foi descoberto. Escondera-se no alto de uma torre alta e estreita na ala nordeste do castelo.

Quando Lik o descobre, Lak está deitado com a cabeça sobre um braço, a dormir.

— Apanhei-te! — exclama Lik, abanando-o. Lak levanta-se e olha-a, aturdido.

— Sonhei com aquele conto — disse —, era mesmo como estar lá dentro. Primeiro estive em Oslo, mas depois também fui a uma ilha do Pacífico.

Descem os dois a escada da torre.

— Acha que o mundo existe de verdade? — continua Lak.

— O que quer dizer com «de verdade»? — pergunta Lik.

— Existirão mesmo os porcos, os elefantes e todo o resto? E os gafanhotos, e os jatos?

— É muito engraçado, decididamente. Sabe muito bem que tudo isso não passa de um conto: só existe na cabeça de Oliver.

— Espera aí, mas acha por acaso que na sua cabeça há automóveis e jatos?

— É mesmo um tonto! Ele os cria na sua cabeça, e pronto!

Chegam ao pátio da ala nordeste. Nenhum deles precisa perguntar ao outro para onde se dirigem: vão encontrar Oliver, como de costume.

Lá em baixo, um pouco para a direita, vislumbram a gruta multicolorida de Oliver. A gruta impõe-se no horizonte, sendo visível mesmo à distância, porque em Sukhavati quase não há cores: todo o país é castanho e cinzento. Só a gruta de Oliver e a floresta de Olívia são coloridas. Em todo o país de Sukhavati, só Oliver, Olívia e as duas crianças se interessam por estas coisas.

— Oliver! Oliver!

Os gêmeos espreitam para dentro da gruta.

— Entrem, entrem, meus pequerruchos. Eh, eh!

Oliver está inclinado sobre o seu banco. Hoje inventou uma coisa nova.

— Dentro de instantes — sussurra — vão ver uma coisa de que dificilmente irão se esquecer...

Lik e Lak precipitam-se para o banco da magia.

Oliver pega num ovo e aquece-o ligeiramente entre as mãos. A certa altura as crianças sentem vir de lá de dentro uma espécie de zumbido. Oliver apóia então delicadamente o ovo sobre o banco, segurando-o.

De repente, algo de estranho acontece: o ovo parte-se a partir do interior, e da casca começam a sair milhares de minúsculas figurinhas do tamanho de cabeças de alfinete.

O velho volta-se e pega numa grande lupa. Em seguida, apóia-a no banco e faz sinal a Lik e Lak para olharem através da lupa, um de cada vez.

De dentro daquele estranho ovo sai um mundo inteiro: um turbilhão de casas, árvores, homens e animais.

Você já viu uma infinidade de minúsculas formigas saírem por baixo de uma pedra ou de uma casca de ramo seco? É mais ou menos isso.

Pouco depois, o espetáculo acaba. Então, Oliver recolhe o pó que ficou no banco e coloca-o dentro de um copinho que tira de uma prateleira.

— Pronto! — exclama.

— Oliver! Oliver!

Lik e Lak batem palmas.

— Vamos lá, meninos. Não é preciso exagerar.

Oliver aproxima-se de uma cantoneira. Depois de vasculhar num velho cofre, tira de lá um cachimbo verde-azulado, procura algum resto de tabaco numa luminosa caixinha de metal, senta-se na sua cadeira de balanço amarela, prepara o cachimbo, acende-o com um fósforo e emite uma grande nuvem de fumo.

O fumo começa por ter a forma de uma nuvenzinha normal, mas depois se concentra, para depois se transformar em cavalo.

— Pronto! — exclama novamente Oliver.

— É um cavalo? — perguntam os meninos espantados. Os contornos do cavalo permanecem claros apenas durante uns segundos, dissolvendo-se logo de seguida. Lenta mas inexoravelmente, o fumo se dispersa pela sala, fazendo-se cada vez mais fino e subindo até o teto, para finalmente desaparecer por completo.

— Era um cavalo...

Oliver levanta-se da cadeira amarela que continua a balançar mesmo sem ele, para frente e para trás, como um balanço abandonado.

Volta a pôr o cachimbo e senta-se novamente.

— Então — exclama bem-humorado, recomeçando a balançar — o que querem que lhes conte? Querem que lhes fale de altas montanhas e vales profundos? Dos dias e das noites? De leões e de elefantes? Ou da exploração de petróleo no mar do Norte?

Mas hoje Lik e Lak não querem contos. Ficam de pé à frente da cadeira de balanço, constrangidos.

— Agora não, Oliver — responde Lik, um tanto acanhado. — Nós queremos saber se tudo isso *existe* de verdade.

— Disse «de verdade»?

Oliver olha muito sério as duas crianças, que estão de pé ladeando a cadeira de balanço.

— É uma história, meninos. Apenas uma velha história.

— Mas eu sonhei que *estava* lá — diz Lak.

— Pronto, pronto, meu anjo. Nesse caso, estive na minha fantasia.

— Na tua fantasia?

Oliver aponta para a cabeça:

— Essas coisas vivem aqui dentro. Dentro desta velha cabeça. Mas não sabem. Até fico triste só de pensar.

— Quer dizer que as coisas do Mundo não existem, não são reais?

— Agora se acalmem. — Levanta o dedo indicador e olha-os com ar grave: — Para nós, o mundo é um conto. Mas nos contos... nos contos tudo é real.

— Mesmo?!

Nos olhos de Lik e Lak reaparece aquela expressão sonhadora que sempre têm ao pensarem no conto.

— Mas isso não adianta nada, entendem? Todos os seres humanos de que já falei, de qualquer forma, vivem a sua vida no Mundo. Mas dormem, sabiam? Não conseguem ver a si próprios...

— Mas você não pode lhes dizer isso?

— Estão brincando, com certeza...

— Mas talvez possamos fazer uma viagem dentro do conto.

— Ah, ah! É mais fácil criar um sonho que deixar que alguém entre lá. Não podem entrar num conto, meninos. Se assim fosse, vocês próprios teriam de se tornar contos. Ou então...

O velho homem fica sentado com os olhos fixos no vazio.

— Ou então o quê, Oliver?

— Ou então o Mundo teria de se tornar uma coisa real. Porque só numa coisa real é que se pode entrar. Sim, lá todo o nosso corpo pode entrar.

— Mas isso é *possível*? O Mundo pode tornar-se uma coisa real?

De repente, um silêncio absoluto abate-se sobre a gruta.

— Bem, sim... Oh, não, meninos! Não! É preferível que o conto fique por aqui mesmo.

— Vamos lá, por favor!

— Não me tentem. Isso não se faz, sabiam?

— Deixe-se tentar!

— Pronto, venceram... Então agora temos de ir chamar Olívia. É que fomos nós dois juntos que construímos este sonho. Se foi assim, talvez também lhe possamos dar vida.

Lik e Lak olham para o velho, muito sérios.

— Olívia... — murmura ele, com ar nostálgico. — Não nos vemos há cem mil anos.

— Mas ela pode fazer o Mundo?

— Não, sozinha não. Ninguém pode fazê-lo sozinho. Mas juntos, meus queridos, eu e Olívia juntos, talvez possamos criar o conto.

— Vamos buscá-la depressa.

Lik e Lak já estão à porta.

— Mas não lhe digam que fui eu que os mandei ir buscá-la.

Olívia habita um enorme cogumelo, situado nos confins de uma floresta chamada Samandhi.

Lik e Lak costumam dar grandes passeios naquela zona e, de vez em quando, aproveitam para visitar Olívia. No seu cogumelo, é tudo muito bonito e, além disso, ela sempre prepara alguma coisa de bom com os frutos da floresta de Samandhi.

O cogumelo de Olívia tem três andares, e cada andar tem três divisões. No topo, há um grande terraço. É lá que Olívia passa a maior parte do tempo, porque do terraço o seu olhar consegue abranger Samandhi inteira.

Na floresta, crescem toda a sorte de flores e plantas. Tudo cresce sem parar. Exceto Olívia, claro, que nunca cresce. Sempre foi tal como é, desde que Lik e Lak a conhecem.

E isto significa desde há muito tempo, já que no país de Sukhavati ninguém pode fazer novos conhecimentos.

Olívia nem sempre está de bom humor; para dizer a verdade, ela ainda é mais lunática que Oliver. É que, se por acaso come uma coisa ácida ou amarga, ela própria fica ácida e amarga. «Xô!», diz ela, quando está assim. «Fora daqui, pestinhas!», ou então «Desapareçam, seus desmancha-prazeres!». Mas o seu mau humor não dura muito tempo. Basta levar à boca uma coisa doce, e logo se acalma. «Ai, meus queridos docinhos!», diz ela então, ou «meus engraçadinhos», ou ainda «os meus pequerruchinhos».

Lik e Lak correm e saltitam por entre as pedras, no sopé da montanha: vão buscar Olívia.

Esperam que se tenha encharcado em gelatina de rosas. Ou em pudim de baunilha. Não ousam pensar no que poderia acontecer se tivesse comido apenas dentes de alho ou uva-de-urso.

Na Terra, as plantas são normalmente verdes. Mas na floresta de Samandhi não é assim. Na floresta de Samandhi a erva e as folhas das árvores são de todas as cores do arco-íris. E de todo o lado nos chega um delicioso perfume de flores que até faz cócegas no nariz.

Lik e Lak metem-se por um caminho que vai desembocar no meio de silvas e árvores. Ao fim de uma boa semana de caminhada, eis que vislumbram o cogumelo de Olívia.

— Olívia! Olívia!

Começam a chamá-la muito antes de terem chegado. Só depois vêem que ela está no terraço e que agita uma folha de árvore-da-borracha.

Desce e recebe-os à entrada da sua casa-cogumelo.

— Pode-se saber por que é que vieram correndo? — pergunta.
— Na floresta de Samandhi deve reinar a calma, o silêncio das plantas, vocês sabem perfeitamente.

Lik e Lak entreolham-se, pensando: deve ter comido alguma coisa bem ácida.

— O Mundo — diz Lak ofegante. — Oliver diz que...

Lak mal consegue respirar.

— Ah sim, Oliver?! Aquele velho cachimbo decrepito!

— Ele diz que vocês dois juntos podem *fazer* o Mundo...

— Quer dizer que ele ainda não desistiu das suas velhas magias, não é? No entanto, tinha dito que se limitaria às bolinhas de

papel e ao fumo do cachimbo. Acho que deveria se contentar com magias pequenas.

Entram no cogumelo. Mesmo assim, Olívia deixa-os entrar. Mal chegam à sala forrada de trevos, Olívia come uma enorme colherada de mel de um frasco que se encontra em cima da sua mesa. Estala a língua, satisfeita, e lambe os beiços.

— Vamos lá, Olívia, por favor! — pedem esperançados Lik e Lak.

— Pronto, está bem. Vamos lá então. Hi, hi! Os meus queridos pequeninos...

Olívia e as crianças atravessam Samandhi. Avançam com calma: Olívia não quer correr. Vai parando para tocar todas as plantas da floresta. Catorze dias mais tarde, ei-los à entrada de Pleroma.

Entram sem hesitação. Oliver está sentado na cadeira de balanço, mas desta vez não está fumando cachimbo. Está absorto

nas mais profundas cogitações.

Olívia quebra o silêncio:

— Há cem mil anos que não nos vemos, seu velho barbudo.

— Veja lá como fala, sua grande banana ressequida!

Depois não dizem mais nada até conseguirem parar de se beijar e de se abraçar acaloradamente.

— O tempo amadureceu as coisas — observa Oliver, indo direto ao assunto.

— Sim — constata Olívia — como uma grande abóbora prestes a arrebentar.

Oliver prossegue:

— Até agora, o Mundo não era senão uma idéia, um sonho etéreo, uma história leve, tão leve como o ar...

Levanta os olhos para Olívia.

— Percebe o que quero dizer, minha querida protetora das plantas? Chegou a hora de concretizar um velho projeto...

— Sim, por favor! — exclama Lik.

— Assim podemos ir lá — acrescenta Lak, com ar sonhador, como se já estivesse a ver o Mundo à sua frente.

Olívia baixa os olhos para as duas crianças. Saca do bolso do avental um saquinho e leva à boca um enorme caramelo de morango.

— Os meus pequeninos — gorjeia. — São tão curiosos que até fico com cócegas no nariz. Hi, hi! Meus queridos bonequinhos de açúcar!

Nessa altura, Oliver explica que o Mundo só poderá se tornar real, se ele e Olívia tiverem exatamente o mesmo sonho. Se conseguirem sonhar com todas as histórias que Oliver contou a Lik e Lak, então o Mundo tornar-se-á uma coisa real.

— Então, vamos ter que dormir durante muito, mas muito tempo — murmura Olívia.

— Durante mil anos — precisa Oliver. — Têm que ser mil...

O UNIVERSO

Lik e Lak regressam ao grande castelo situado no sopé do Monte Sunyata. Não poderão voltar à gruta antes de se passarem mil anos. O longo sono de Oliver e Olívia não deve ser perturbado por nada.

Lik e Lak não acham que mil anos seja esperar muito. Mil anos não são muitos anos, porque no país de Sukhavati o tempo não tem início nem fim.

Os dois meninos correm no meio do monte de pedras e aproveitam para recolher alguns seixos para Ananda. O castelo continua a crescer, quer em altura, quer em largura. Lik e Lak

constroem doze novas salas, cento e quarenta e quatro quartos de cama, onze subterrâneos e vinte e duas torres.

Enquanto isso, brincam de esconde-esconde, correndo pelo castelo para baixo e para cima. Ou, então, dão passeios na floresta de Samandhi. Às vezes, ainda vão mais longe, chegando à planície de Advaita, onde não há absolutamente nada, onde tudo é completamente vazio.

Vão se aproximando, a intervalos regulares, da entrada de Pleroma: têm de contar as pérolas de cristal para saberem quantos anos passaram. Por fim, conseguem contar novecentos e noventa e nove. Só têm que aguardar pelo próximo «pling!».

No momento em que isso acontece, Lik e Lak estão consertando a janelinha de um subterrâneo de Ananda.

«Pling!», ouve-se, inesperadamente.

— Hurra! — exclama Lak, batendo as mãos.— Vamos já para Pleroma!

Quando chegam, Oliver e Olívia estão precisamente a acordar: estão sentados, cada um no seu *maple*, esfregando os olhos para fazer desaparecer todas as marcas deixadas por aquele sono prolongado. É divertidíssimo ver quanto estão desorientados depois daquele sono de mil anos.

— Então, conseguiram?! — perguntam em coro Lik e Lak.

— Tal como vêem, meninos. Aquilo que está ali é o Mundo...

Oliver aponta para o banco das magias.

Nesse instante, Lik e Lak dão-se conta de que no centro do banco está uma esfera. Correm para ver de perto. A esfera tem o tamanho de uma bola de futebol, parece uma pérola de grandes dimensões. É branca, embora tenha uma consistência vítrea. Lik e Lak tocam-na delicadamente; quando se toca, é morninha.

— *Isto é que é o Mundo?* — pergunta Lik, pasmada. — É tão pequenino!

— Ah ah! Não é assim tão pequeno se visto de dentro, minha querida. Visto de dentro, o Universo é infinitamente grande. Mas isto tem o seu segredo.

As crianças olham-no, sem entender nada.

Oliver explica-lhes que, inicialmente, o Mundo era pequeno como uma cabeça de alfinete. Acontece que, mal Oliver e Olívia adormeceram, uma minúscula pérola que estava no banco, começou a crescer. Com o decorrer dos anos, crescia cada vez mais. Agora, mil anos passados, ficara do tamanho de uma bola de futebol.

— Mas o seu peso continua o mesmo — continua Oliver — quando era do tamanho de uma ervilha, era uma ervilha terrivelmente pesada...

Lik e Lak, com todo o cuidado, tentam pegar na esfera. Mas não conseguem, ela não se desvia um milímetro que seja.

— É pesadíssima, não é? — diz Olívia — é porque ainda não acabou de se expandir.

Muito tempo passou desde que ocorreu este episódio. Muito tempo passou desde o momento em que o Mundo não passava de uma pequena esfera situada no interior de Pleroma.

Pouco depois de Oliver e Olívia terem acordado do sono em que sonharam com a longa história do Mundo, uma tarefa importante reuniu as forças de todos os seus habitantes. Em poucos dias, a esfera tornara-se uma grande bola do tamanho de um pequeno corpo celeste: Pleroma não era suficientemente grande para contê-la. O Mundo devia ser deslocado para a planície de Advaita.

Apesar da esfera não ser tão grande como um corpo celeste, era de tal modo pesada que todos os habitantes de Sukhavati tiveram que dar uma ajuda para movê-la. Para Lik e Lak, aquele foi um dia inesquecível. Olívia preparou gelatina de sorvas para todos, para que tivessem pelo menos uma recompensa pelo esforço físico despendido.

A partir daí, o Mundo ficou a levitar na planície de Advaita.

Lik e Lak continuam a construir o seu castelo, enquanto a esfera na planície de Advaita prossegue no seu eterno crescimento. Agora está tão grande, que pode ser vista de qualquer ponto de Sukhavati. Ergue-se, proeminente, no horizonte, qual gigantesca cúpula.

Sempre que Lik e Lak vão visitar Oliver em sua gruta, ele conta-lhes o que está acontecendo dentro da esfera.

Aquilo que inicialmente não passava de um minúsculo pontinho dentro de Pleroma, é agora o Universo, com as suas luas, estrelas, nebulosas e planetas. Um desses planetas é a Terra.

— Agora — diz Oliver —, agora começam todas as histórias que eu já contei, só que agora começam de verdade.

— De verdade?! — exclama Lak, desnortado.

— Sim, dentro da esfera.

— Lá dentro existem os seres humanos, os cavalos, as vacas e os jatos? — pergunta Lik.

— Claro, meus lindos. Agora, lá dentro já há seres humanos. Se calhar estão a contemplar o céu. Quando cai a noite, podem ver coisas que estão muito longe, podem ver as estrelas e as nebulosas. Mas não podem ver nada que fique fora da esfera.

Lik e Lak escutam avidamente as palavras de Oliver.

— Mas como é que as estrelas e as nebulosas aceitam estar dentro da esfera? — indaga Lak.

— Aceitam estar? Perguntou como é que aceitam estar, meu rico menino?

Lak levanta os olhos para Oliver, atento a cada palavra.

— Mas se aceitam estar dentro da minha cabeça — responde Oliver — aceitam com certeza estar dentro da esfera...

— Uma vez disse que poderíamos penetrar no Mundo...

— Disse, sim. E eis que chegou o momento. Chegou o momento de empreender a grande viagem.

— Hurra! — gritam em coro Lik e Lak.

— Vamos, com certeza, meus lindos, mas primeiro temos de ir buscar Olívia.

Lik e Lak estão prestes a entrar dentro do conto... Oliver, Olívia e os dois meninos partem rumo a Advaita. A enorme esfera redonda de madrepérola fica cada vez maior à medida que se aproximam.

Lik e Lak já tinham ido vê-la muitas outras vezes e, de todas essas vezes, tinham erguido os olhos para a cúpula, mudos perante a maravilha com que se deparavam, seguros de que um dia... de que um dia haveriam de partir para aquela viagem que os levaria para ao interior daquela esfera.

Oliver acompanhou-os várias vezes. Lik e Lak puderam ver uns pontinhos cintilantes a brilhar dentro da cúpula, deslocando-se quase imperceptivelmente.

— São as estrelas — explicou Oliver. Lik e Lak levantaram os olhos para o céu.

— Em volta de uma das estrelas, nas profundezas da esfera, a Terra segue a sua órbita. Um ano, meus caros, é preciso um ano para que a Terra gire em volta do Sol. Lá na Terra calculam o tempo assim...

Oliver, Olívia e os gêmeos chegam à esfera que está na planície de Advaita. Ficam praticamente debaixo dela, porque só uma pequena parte toca o terreno. Um único ponto liga o Mundo à planície.

— Como é que entramos?

— Agora tenham calma... Construí uma outra esfera com as gotas da Flor de Cristal. Nessa, podem viajar em segurança.

Oliver aponta para uma esfera de cristal. Parece-se um pouco com o Mundo, só que é infinitamente menor.

— Devo confiar-vos uma missão importante — prossegue Oliver.

— O que é uma missão?

— É uma coisa que vocês *têm que fazer*, uma vez lá dentro.

Lik e Lak olham para Oliver e Olívia com curiosidade.

— Vocês têm que dizer aos seres humanos que o Mundo é um conto. Entendem o que quero dizer? Um grande conto.

Oliver aponta para a cúpula, com ar grave:

— Lá dentro, pensam que o Mundo é uma coisa óbvia. Chamam-no «realidade», e está tudo dito! Muitos seres humanos nem sequer sentem alegria pelo fato de viverem. Dizem que se aborrecem. Criaturas ingratas! E pensar que nós levamos centenas de milhares de anos para criar tudo isto.

— E ainda tivemos que dormir um bom sono — acrescenta Olívia.

Oliver abre uma portinhola na esfera de cristal.

— Com esta esfera, podem mover-se livremente no Mundo — explica. — Basta dizer onde querem ir, que estarão imediatamente lá.

Um arrepio frio atravessa a espinha de Lik e Lak. Podem ir onde lhes apetece...

— Gostaria também de lhes dar um presente — diz Olívia. — Pode acontecer que venham a estar em apuros. Pode acontecer que tenham de fugir o mais depressa possível...

Lik e Lak levantam os olhos para Olívia. Hoje não comeu nem coisas ácidas nem coisas doces. Deve ter comido qualquer coisa séria.

— Se olharem um para o outro dizendo PLEROMA era coro, se tornarão invisíveis. Se quiserem voltar ao normal, devem dizer o

mesmo, mas ao contrário, ou seja, devem dizer AMORELP ao mesmo tempo. Mas atenção: é muito mais difícil falar em coro, quando não se pode olhar diretamente um para o outro.

Olívia faz a ambos uma festa na cabeça:

— É um stratagema que só devem usar em caso de extrema necessidade, de outra forma, pode ter conseqüências desastrosas para a própria esfera. A mais grave de todas, é que a esfera se parta em mil pedaços.

Lik e Lak entram na esfera de cristal. De lá de dentro, acenam com a mão a Oliver e Olívia.

— Por onde começamos? — pergunta Lik. — Vamos à China ver a Grande Muralha? Ou ao Egito, ver as pirâmides? Vamos para a Idade Média? Ou talvez para o ano de 1987?

— Vamos antes a Bergen dar um passeio no elevador que sobe pela colina acima! — diz Lak, decidido.

E assim acabam-se as discussões.

DENTRO DO CONTO

Um instante depois, a esfera em que iam Lik e Lak fez a sua aterragem no coração de Bergen, em plena praça principal. Os dois meninos saíram de supetão, excitadíssimos como estavam.

— Que maravilha! — suspirou Lik. — Olha só o céu, como é azul! E as montanhas, que altas que são!

— Olha a água e as árvores e todos os seres humanos! — exclamou Lak, extasiado.

Mais não disseram, porém: na praça, de repente, houve um autêntico fim de mundo. As pessoas mais próximas, recuaram. Uma fugiu na sua bicicleta, outras levantaram-se bruscamente do jardinzinho que cercava o lago e, recolhendo freneticamente o resto do piquenique, deram no pé tomados pelo pânico.

— Olhem! — desatou a gritar uma velhinha de Bergen.

— Uma garrafa com duas crianças lá dentro!

— Mas ainda agora não havia nada ali — constatou um outro.

— Olhe que as crianças estavam dentro da garrafa, sabia?

— Mas, repito: antes não havia nada ali...

Lik e Lak perceberam que ter escolhido aquela praça para o primeiro contato com o Mundo, não tinha sido uma grande idéia. Os

habitantes da Terra não deviam estar habituados a visitantes que aterravam no meio da cidade a bordo de uma esfera de cristal.

— Não tenham medo! — ainda gritou Lik às pessoas mais próximas. — Não queremos lhes fazer mal!

Mas a coisa não funcionou. Bem pelo contrário: as pessoas que ali estavam desataram a correr, esbaforidas.

— Estamos aqui para lhes falar do país de Sukhavati! — anunciou Lak, abrindo os braços.

— Depressa, Petter! — disse uma velhinha. — Tem que se chamar a polícia!

— Cá para mim, eles vêm de Marte — responde ele, aterrorizado. Na frente de um pavilhão de música, concentrava-se cada vez mais gente. Mas ninguém ousava se aproximar: todos se mantinham a uma distância segura.

Lik e Lak deram uns passos para frente, mas isso fez com que a multidão retrocedesse. Os dois meninos regressaram então à esfera de cristal e, desta vez, as pessoas avançaram.

Era como se Lik e Lak conseguissem afugentar e atrair as pessoas mesmo através da grande massa de ar que os separava.

De repente, começou a ouvir-se ao longe o som de sirenes que se ia fazendo cada vez mais próximo.

— O que será? — perguntou Lak, assustado.

— Penso que são os carros da polícia — respondeu Lik.

— Serão perigosos?

— Não me lembro bem. Acho que procuram os ladrões. Prendem aqueles que se introduzem nalgum lugar recorrendo à violência...

— Será que nós fizemos isso?

De súbito, chegou à praça um carro da polícia. E logo a seguir, vindo de outra direção, um segundo, com a luz azul a piscar na parte de cima.

Uns sete ou oito policiais saíram dos carros e dirigiram-se então para a esfera de cristal.

— Depressa! — disse Lik.

Nesse exato momento, um dos policiais tocou na esfera.

— Então? O que se passa aqui? — perguntou com ar severo.

— Vamos embora, e é já! — gritou Lik.

— Para o miradourooo...!

No instante seguinte, Lik e Lak já estavam bem longe de toda aquela balbúrdia. Olharam para fora da esfera e viram-se rodeados de árvores, musgo e urze.

— Está ouvindo os passarinhos?

— Mhm, que perfume maravilhoso!

Lik e Lak saltaram para fora da esfera e tocaram o musgo e a urze. Puseram-se a correr por entre as árvores; depois, deram as mãos e fizeram uma roda à volta de um pinheiro, cantando:

— Que conto tão bonito-to; é bonito-to, é bonito-to...

— Mas por que é que não há ninguém aqui? — questionou-se Lik. — Por que é que vivem todos na confusão da cidade, e no bosque reina a paz e a tranqüilidade?

— Eles gostam de estar todos uns em cima dos outros — disse Lak. — Os habitantes da Terra não apreciam a paz e a tranqüilidade. Preferem mesmo a confusão.

Lik e Lak puseram-se a saltar, a dançar e a dar cambalhotas por entre as árvores. De repente, sentiram alguém se aproximando.

— Vem cá! — disse Lik. — Temos que nos esconder.

Aninharam-se de modo a ficarem escondidos por um pinheiro. Um homem avançava na direção deles. Atrás do homem... vinha um cão.

— Um cão! — exclamou Lak.

Tinha sido realmente imprudente ao dirigir a palavra à sua gêmea precisamente naquele momento; por outro lado, é preciso ver que Lik e Lak nunca tinham visto um animal verdadeiro em toda a sua vida; até aí só tinham visto fugazes nuvenzinhas de fumo na gruta de Pleroma.

— Ssshhh! — sibilou Lik. Mas o homem já os avistara.

— Então, estão brincando de esconde-esconde? — perguntou ele. Abaixou-se, apoiando as mãos nos joelhos: — Por que é que não estão na escola?

No fundo, até parecia ser bondoso e simpático.

Lik e Lak saíram do seu esconderijo.

— Bem... É que a nossa escola hoje está doente — disse Lak, tentando justificar-se.

Não se lembrava bem do que queria dizer estar doente, mas sabia que em tais circunstâncias, não se podia ir à escola.

— Venham cá — disse o homem chamando-os com a mão. — Oh, que duas crianças mais lindas!

— Posso fazer festas no cão? — perguntou Lik.

— Claro que sim. Ele é doce como mel.

— Exatamente como Olívia — sussurrou Lak.

Lik e Lak tocaram nele com os dedos. Que sensação tão estranha.

Era quentinho e tinha o pêlo eriçado e era tão legal senti-lo ofegar...

Mas logo se foram, o cão e o homem.

— Bem, deste aqui, pelo menos, não temos que fugir — disse Lik. — Se calhar foi a esfera que assustou as pessoas da cidade. Ou terá sido o fato de termos chegado assim de repente.

— Não podemos esquecer a nossa missão — respondeu Lak. — Temos de fazer com que os habitantes da Terra percebam que a vida é um dom.

— Primeiro, é melhor esconder a esfera. Se a perdemos, nunca mais poderemos voltar ao país de Sukhavati.

Com uns quantos raminhos que encontraram pelo chão, esconderam a esfera de cristal. Depois seguiram pelo caminho que ia dar no vale.

— Lembra-se que Oliver nos falou do elevador? — perguntou Lik, de repente.

Lak anuiu com a cabeça.

— É aquele que está lá em baixo.

Ficaram parados a olhar, boquiabertos. Um pouco mais abaixo via-se uma carruagem vermelha que subia ao longo daquela íngreme encosta. Nunca tinham visto nada semelhante.

— Vamos!

Ambos se lembraram de que uma vez, muito, muito tempo atrás, Oliver lhes contara a história de um estranho trem que subia até o cume da montanha. Bem depressa lá estariam eles também!

Pouco depois, entraram correndo no edifício branco da estação, ofegantes, esquecendo-se de que deviam manter uma certa discrição.

Só então é que avistaram a cidade, lá em baixo, entre as montanhas. Era quase tão grande como o castelo de pedras do país de Sukhavati. Mas Bergen era incomparavelmente mais bonita: Lik e Lak nunca tinham visto tantas cores de uma só vez.

— Olha! Está se mexendo! — exclamou Lak.

— O que é que se está se mexendo?

— A cidade! Não vê?

Aí, Lik também se deu conta: por todo o lado, lá em baixo, se percebiam minúsculos movimentos. Os barcos nos fiordes. Os torniquetes ao longo do cais. Os carros nas grandes pontes. A multidão na praça...

— Exatamente como no ovo de Oliver — disse Lik. Os gêmeos deixaram-se ficar ali de pé, a contemplar a cidade. Estavam mudos, assombrados perante aquele panorama. Mas depois, algo de estranho aconteceu. Os dois meninos foram dar consigo junto de uma enorme caixa de metal. Subitamente, viram aproximar-se um homem que enfiou uma moeda numa pequena ranhura de um lado da caixa. Em seguida... bem, em seguida pôs-se a falar! Não a caixa, obviamente, mas um homem que com certeza estava lá dentro. Lik e Lak não conseguiam vê-lo, mas ouviam-no perfeitamente: dentro da caixa, estava um homem que começou a descrever Bergen. A sua voz ressoava de um modo único, como quando Lik e Lak chamavam um pelo outro dentro do castelo de Ananda.

— Deve ser um homenzinho minúsculo — comentou Lak.

— Certamente, para conseguir entrar lá dentro — anuiu Lik.

O homem de dentro da caixa, estava dizendo que o nascimento de Bergen remontava a nove séculos atrás. Lik e Lak

ficaram impressionados: eles que tinham empregado muitas centenas de milhares de anos para construir o seu castelo de pedras, achavam extraordinário que se pudesse ter construído uma cidade tão grande em apenas novecentos anos.

Mas a coisa mais estranha ainda, era o fato do homenzinho ter começado a falar no exato momento em que tinha recebido a moeda através da ranhura.

— Dinheiro! — exclamou Lik, de repente.

— O quê?

— Deve custar dinheiro andar naquela espécie de elétrico.

Desceram as escadas e puseram-se na fila para apanhar o elevador. Lik tinha razão: o homem que estava no guichê explicou-lhes que não podiam descer à cidade sem pagar bilhete.

— O que foi, não têm dinheiro suficiente?

Uma velha senhora estava olhando para eles. Parecia-se um pouco com Olívia.

— Eu pago os bilhetes.

Assim, Lik e Lak também puderam apanhar o elevador.

— Viu aquelas crianças maravilhosas? — sussurrou a senhora ao homem da bilheteria. — Parecem elfos de uma floresta encantada...

Lik e Lak foram para a parte da frente. Era legal ver aquele homenzinho que apertava todos aqueles estranhos botões. A carruagem estremeceu e começou a descer, acompanhando o declive da montanha.

A descida era de tal modo íngreme que se tinha uma curiosa sensação no estômago. Em baixo, lá bem em baixo, podia ver-se a cidade: à semelhança das montanhas em seu redor, ela também tomara a cor da gelatina de alperce de Olívia. Fazia-se noite.

— Estou preocupado — disse Lak. Estava se recordando do que se passara na praça quando tinham descido da esfera de cristal.

Com certeza não poderemos pôr-nos simplesmente a correr pelas ruas afora, anunciando aos gritos que o Mundo é um conto — pensa Lak.

A cidade aproxima-se cada vez mais. De repente, cruzaram-se com uma carruagem azul do elevador que subia na direção contrária. Por um triz não houve uma colisão, pois um segundo antes do choque, o segundo elevador encarrilou por outra linha. Por fim, o elevador parou. As portas abriram-se, e Lik e Lak apressaram-se a sair, apesar do elevador não ter ainda chegado à cidade.

«Rua da Montanha», via-se escrito numa tabuleta. Uma vez, havia muito tempo, Oliver ensinara as duas crianças a ler as letras...

Havia muitas casas, muitas árvores e muitas pessoas. Na rua, havia crianças jogando bola. Era a primeira vez que Lik e Lak viam outras crianças. No país de Sukhavati, só se viam um ao outro. Por isso, não ousaram aproximar-se muito: enfiaram-se num bosquezinho, escondendo-se atrás de algumas árvores grandes.

— Bem que cada um podia ter sua bola — observou Lak. — Assim já não tinham de brigar para ficar com a bola que têm.

Só que essas crianças estavam se divertindo muito com aquela única bola que iam partilhando. Lik e Lak permaneceram ainda por um tempo, sentados atrás das árvores, a olhar para eles.

— Temos que bolar um plano — sussurrou Lik, de repente. — De outra forma, como haveremos de fazer com que os habitantes do Mundo acreditem na existência de Sukhavati, se nunca ouviram falar de nós?

— É melhor começar a falar com alguma criança. Os adultos só acreditam naquilo que sempre viram. São eles que chamam o Mundo de «realidade».

— Mas o que significa «realidade»?

— É difícil de explicar. Significa que o Mundo não é um conto, que é uma coisa natural...

Pouco depois, o Sol pôs-se atrás das altas montanhas, lá em baixo, do lado oposto ao do fiorde. Começou a escurecer, e as crianças que brincavam na rua, voltaram para casa.

Só duas ficaram: um menino e uma menina, mais ou menos da idade de Lik e Lak. Mas pouco depois, eles também voltaram para casa.

— Vamos atrás deles — disse Lik.

Passados alguns minutos, o menino e a menina entraram numa grande casa branca. Lik e Lak esconderam-se atrás das árvores do jardim.

A CASA DA RUA DA MONTANHA

Muito tempo depois, da casa branca saiu um homem e uma mulher. O homem vestia um traje negro, a mulher, uma saia comprida, azul. Deviam ser a mãe e o pai das duas crianças que, de fato, se foram pôr nos degrauzinhos que davam para a porta de entrada.

— Divirtam-se lá na festa! — gritou a menina.

— O número de telefone está escrito num bilhete, preso no quadro da cozinha. — disse a senhora. — E deem-se cedo, vejam lá...

Depois abanaram a mão, exatamente como fazia Olívia do alto do seu cogumelo, com as folhas da árvore de borracha.

Naquele exato momento, Lak tropeçou num monte de ramos secos.

— Sshhh! — sussurrou Lik.

O homem e a mulher viraram-se.

— O que foi isto? — perguntou a mulher.

— Deve ter sido um esquilo — respondeu o homem. — Vamos lá, vamos embora...

Entraram num carro vermelho e partiram. As crianças, entretanto, já tinham ido para casa.

— Olha! Estão em casa sozinhos! — exclamou Lak. — É a nossa oportunidade.

Esperaram uns minutos, depois seguiram pelo caminho do jardim que ia dar na casa, e bateram à porta, baixinho. Vieram abrir logo de seguida.

— Estão vendendo bilhetes de rifa? — perguntou o menino.

Lik e Lak ficaram imóveis, sem dizer palavra. Era tão estranho ver de perto outras crianças...

— Por que é que vocês estão vestidos dessa maneira? — perguntou a menina, observando as maravilhosas roupinhas de Lik e Lak. — Vão a um baile de máscaras?

Lik e Lak não sabiam o que responder. Para dizer a verdade, já não se lembravam bem do que era um baile de máscaras.

— Nós... nós temos uma história para lhes contar — balbuciou Lik.

— Hurra! — exclamou o rapazinho, que era um pouco mais novo que a irmã.

— Podemos entrar?

Os dois entreolharam-se. Na verdade, não tinham permissão dos pais para deixar alguém entrar em casa, mas abriram a porta do mesmo jeito e deixaram Lik e Lak entrar.

— Onde estão a sua mãe e o seu pai? — perguntou gentilmente a criança.

— Nós não temos nem pai nem mãe — respondeu Lik.

— Mas temos Oliver e Olívia — apressou-se a acrescentar Lak.

O menino e a menina trocaram um olhar, pasmados.

Entraram na sala de estar, no segundo andar. Lik e Lak olharam à sua volta: muitas e muitas vezes, tinham ouvido falar daquelas casas, mas agora estavam dentro do conto e podiam ver uma com os seus próprios olhos. Era tudo tão bonito! Os armários, as lâmpadas, as cortinas, os móveis...

Sentaram-se em dois grandes divãs: Lik e Lak num, e os dois irmãos no outro. Apenas uma mesa os separava.

Ninguém sabia o que dizer, por isso, ninguém disse nada. Mas a situação era bastante engraçada e por fim, todos começaram a rir: a primeira foi a menina mas, no instante seguinte, todos já se riam.

Depois disso, a menina apresentou-se:

— Eu me chamo Anne Lise. Por que é que estão fora de casa sozinhos, a estas horas? Por que é que estão vestidos dessa maneira? E... e por que é que são tão bonitos?

Lik e Lak já não podiam voltar atrás. Começaram então a sua longa história. Contaram primeiro de Sukhavati e de Ananda, depois, de Oliver e Olívia, de Pleroma e de Samandhi.

Anne Lise e Hans Petter permaneceram imóveis durante todo o tempo. De vez em quando entreolhavam-se, perplexos, sem proferir palavra.

Pouco depois, Lik e Lak fizeram uma pequena pausa. Ainda não tinham acabado a sua história.

— Que conto maravilhoso — disse Anne Lise. — Parece mesmo que tudo isso existe de verdade!

— Mas existe — disse Lik. — Existe de verdade, sabia? O Mundo é que é um conto.

E assim falou também disso, de todas as histórias que Oliver contara sobre ele durante milhões e milhões de anos, e do longo sono de Oliver e Olívia, quando o Mundo se tornara uma coisa real. E agora, agora o Universo encontra-se na planície de Advaita.

— E como é que conseguiram chegar aqui? — tentou informar-se Hans Petter.

Lik e Lak contaram da sua viagem a bordo da esfera de cristal, da sua missão, e do que acontecera na praça de Bergen...

— Oliver tem pena dos seres humanos não saberem que vivem num grande conto. Vocês são os primeiros de todos a saber...

Anne Lise e Hans Petter trocaram, uma vez mais, um olhar de estranheza. Mas pouco depois começaram a acreditar nas palavras dos gêmeos.

Anne Lise foi à cozinha buscar refrescos e chocolate, enquanto Hans Petter ligava a televisão.

Era a primeira vez que Lik e Lak viam uma televisão de verdade, embora Oliver lhes tivesse contado muitas vezes que os seres humanos passavam grande parte do seu tempo na Terra, sentados à frente de uma televisão, a ver umas imagens.

Estava passando o telejornal. De repente, aparece a praça de Bergen...

— Olhem! Olhem! — disse Lik.

«Foi então que as duas crianças vestidas de verde despontaram de dentro de uma esfera de cristal, pelas cinco da tarde de hoje — estava dizendo o homenzinho dentro do aparelho. — Várias testemunhas, entre as quais alguns policiais, viram-nos

reentrar na dita esfera e desaparecer, com a mesma rapidez com que tinham chegado. A polícia está investigando o caso. Todas as suposições relativas a uma visita de extraterrestres, foram prontamente rejeitadas pelo Departamento da Defesa. Pensa-se que o misterioso episódio possa estar relacionado com a presença do circo húngaro que nestes dias se encontra em Bergen...»

— É aquilo que nós dissemos — disse Lak.

Só então é que Anne Lise e Hans Petter começaram a considerar a possibilidade de ser verdade o que Lik e Lak lhes acabavam de contar. E mesmo já conhecendo Lik e Lak, não puderam deixar de sentir um certo medo.

— Acreditem — disse Lik. — Estamos no grande Universo que se encontra na planície de Advaita...

— Sim, mas vocês... bem, vocês não podem prová-lo — disse Anne Lise.

Parecia quase ofendida.

— Sim, claro que podemos — objetou Lak. — Podemos fazer exatamente isso. Mas têm que nos prometer que não dirão a ninguém.

Anne Lise arregalou os olhos. Hans Petter aproximou-se um pouco da irmã.

— Já tínhamos dito que não temos mãe — continuou Lak. — Por isso, nem sequer temos umbigo. Olhem só!

E Lik e Lak tiraram os roupinhas verdes. Anne Lise e Hans Petter repararam que, no centro da barriga, não havia nenhum umbigo. Era a primeira vez que viam coisa semelhante. Ficaram a olhar apalermados durante muito tempo, enquanto Lik e Lak se vestiam.

— Então é verdade! — exclamou feliz Hans Petter, levantando-se e batendo palmas.

Mas Anne Lise não estava tão certa de que essa fosse uma boa razão para bater palmas.

— Não temos licença de deixar pessoas estranhas entrar, quando estamos sozinhos em casa — disse.

Após terem tomado as refrescos e comido o chocolate, Anne Lise e Hans Petter quase tinham se esquecido de que Lik e Lak não eram crianças exatamente iguais a todas as outras. Naquele momento, eram apenas bons amigos.

Lá fora, o céu fizera-se completamente escuro.

— Que tal sairmos para ir ver as estrelas? — propôs Lik.

E lá se foram. Lik e Lak apontavam para o céu. Era a primeira vez que viam as estrelas de dentro do Universo. Antes só tinham vislumbrado minúsculos pontinhos do exterior da grande cúpula.

— Todas as estrelas estão dentro de uma esfera que se encontra num ponto da planície de Advaita — disseram. — Muito, muito longe, fora de todo o Universo, está Sukhavati.

No exato momento em que estavam ali a olhar as estrelas, as quatro crianças ouviram o ruído de um carro, que se aproximava.

— É a mãe e o pai! — exclamou Anne Lise.

— Vão se esconder debaixo das nossas camas — sugeriu Hans Petter. — Depressa! Já!

Correram para o quarto deles. Anne Lise e Hans Petter despiram rapidamente a roupa e enfiaram-se na cama. Lik e Lak esconderam-se debaixo das duas camas. Nesse instante, ouviram os pais enfiarem a chave na porta de entrada. Os quatro, porém, fingiram-se adormecidos.

— Bem que podiam ter apagado as luzes antes de irem para a cama...

Era a voz da mãe de Anne Lise e Hans Petter.

— Também podiam ter tirado a mesa — respondeu o pai. As crianças sentiram que ele estava entrando na sala.

— Quatro copos?! Venha ver, Ingrid! Tomaram quatro refrescos.

— A menos que tenha vindo alguém aqui...

A mãe parecia preocupada.

Entraram então no quarto das crianças. Anne Lise e Hans Petter estavam tão empenhados fingindo que dormiam, que até

receavam dormir demais. Mas Lik e Lak ainda estavam em piores lençóis: tinham que tentar quase não respirar.

O pai tropeçou num jogo deixado pelo chão, e uma bola foi direto na cara de Lak.

— É preciso arrumar isto — disse o pai.

Depois, abaixou-se e apalpou o chão. Enfiou a mão por baixo da cama de Anne Lise, e Lik teve que se espalmar contra a parede para evitar que a descobrissem.

— Também está precisando de uma boa limpeza — acrescentou o homem.

Pouco depois, saiu finalmente do quarto, fechando a porta atrás de si.

— Boa-noite — sussurrou Anne Lise. Inclinou-se para o chão e acenou com a mão aos dois novos amigos. — Vamos ajudá-los a sair escondido amanhã de manhã bem cedo.

Lik e Lak não dormiram muito bem naquela noite, e não só porque o chão era muito duro: aquela era a sua primeira noite no conto.

Jamais tinham vivido tantas emoções em tão curto espaço de tempo. No país de Sukhavati, passavam semanas e semanas simplesmente brincando de esconde-esconde no castelo de Ananda. Além disso, entre ouvir um conto e viver dentro dele, havia um mundo de diferença.

Na manhã do dia seguinte, quando os pais de Anne Lise e Hans Petter entraram no quarto dos filhos, todos dormiam profundamente.

— Daqui a dez minutos, começa o seu programa de televisão favorito! — gritou o pai. — Hoje preparamos um café-da-manhã com os seus cereais preferidos!

Acordaram todos imediatamente.

«O quê? Vêem televisão enquanto comem? » — perguntou Lak de si para si.

Anne Lise e Hans Petter apressaram-se a olhar para baixo da cama. Se calhar tudo aquilo não passara de um sonho! Mas debaixo da cama estavam, efetivamente, os dois meninos.

— Têm que ficar aqui quietos e calados — sussurraram com ar de encorajamento. — Voltamos para lhes trazer qualquer coisa para comerem.

Em seguida, saltaram da cama e correram para o banheiro.

Comida. Lik e Lak não estavam habituados a comer, mas naquele momento, tinham vontade de meter qualquer coisa na boca. Só no país de Sukhavati é que não tinham necessidade de se alimentar. Mas agora que estavam no Mundo, tudo era diferente.

Não ousaram falar nem disto, nem de nenhuma outra coisa: tinham simplesmente que ficar calados.

A família sentou-se à mesa. A televisão estava ligada, mas ninguém se dignava a olhar para ela. Todos pensavam noutra coisa.

— Tem que se lembrar de apagar as luzes antes de irem se deitar — lembrou o pai. As crianças concordaram.

— Alguém esteve aqui ontem? — indagou a mãe. Anne Lise e Hans Petter entreolharam-se furtivamente.

— Não, estivemos só nós em casa — respondeu Anne Lise.

— Mas, na mesa, havia quatro copos...

Hans Petter continuava a passar manteiga numa fatia de pão.

Nenhum dos dois gostava de mentir, mas desta vez não tinham outro remédio. Não podiam se pôr a contar que tinham recebido a visita de duas crianças vindas do país de Sukhavati.

— Estávamos com muita sede.

— E por isso bebemos duas vezes.

— *Doas vezes?*

— Tínhamos esquecido de que já tínhamos usado dois copos, por isso, fomos buscar mais dois na cozinha...

— Se alguém esteve aqui, Anne Lise, desta vez escapa, mas tem que dizer a *verdade*.

— É verdade, ninguém esteve aqui. Só nós dois. Duas vezes...

Mas naquele momento, começou um desenho animado na televisão, e o assunto ficou por ali mesmo.

Anne Lise conseguiu preparar duas fatias de pão com queijo, que meteu debaixo da camiseta.

— Tenho que ir ao banheiro — disse.

Entrou às escondidas no quarto e meteu as fatias de pão debaixo das duas camas, uma para Lik, outra para Lak. Depois, se esgueirou ao banheiro para, por fim, se juntar ao resto da família.

De repente, Lak engasgou-se com um pedaço de pão. E então... então, não pôde senão tossir...

Hans Petter e Anne Lise estremeceram. Hans Petter começou a pigarrear, fazendo um barulho tremendo, e Anne Lise pôs-se a cantar.

— Então? O que é que se passa? — perguntou o pai. — Enlouqueceram, por acaso?

Anne Lise e Hans Petter não sabiam ao certo o que significava enlouquecer, mas temeram que fosse qualquer coisa de terrível.

Apesar do programa de TV ainda não ter acabado, a mãe levantou-se e pôs-se a dar uma arrumada na sala. Passou, em seguida, ao quarto dos filhos...

— Hoje temos que fazer uma boa limpeza no quarto — disse.

Anne Lise e Hans Petter apressaram-se a ir para o quarto.

— Está bem! — exclamaram em coro.

— Isto é um autêntico caos: livros, folhas e jogos espalhados por todo o lado...

Abaixou-se e começou a apanhar os objetos dispersos pelo chão afora.

— Nós... nós fazemos isso — disse Anne Lise. Sentia o coração aos pulos.

— Sim, vamos arrumar tudo — disse Hans Petter.

Aí, a mãe levantou-se e olhou-os com ar desconfiado. Não era freqüente aquela vontade de arrumar.

Lik e Lak, escondidos debaixo das camas, tinham ouvido tudo.

Limpar e arrumar, pensavam. Não teriam os adultos mais nada em que pensar? Mas se eles viviam num conto...

— Eu e mamãe vamos fazer compras.

Era a voz do pai de Anne Lise e Hans Petter.

— Voltamos dentro de meia hora.

— Enquanto isso, nós vamos arrumando as coisas — disse Anne Lise.

— E vamos limpar tudo — acrescentou Hans Petter.

— Duas vezes — disse Anne Lise, mas desta vez deve ter exagerado, pois o pai olhou-a com ar desconfiado. A menina mordeu os lábios.

Até que enfim, tinham novamente a casa toda por conta deles.

Mal os pais saíram, os dois irmãos correram a meter-se no quarto.

— Já podem sair — disseram.

Abaixaram-se e ajudaram Lik e Lak a sair do seu esconderijo. Os dois pequenos hóspedes levantaram-se imediatamente, esfregando os olhos e sacudindo o pó das suas lindas roupinhas verdes. Como era bom poder estar novamente em pé.

— Têm que sair depressa, antes que a Mamãe e o Papai voltem. Apressem-se! — disse Hans Petter.

— Será que nunca mais vamos nos ver? — perguntou Lik, enquanto olhava, triste, para os dois irmãos.

Anne Lise pôs-se a pensar.

— Tenho um plano — disse. — Vão até à cidade e esperem lá por nós. Podemos pedir à Mamãe e ao Papai para ir ao cinema.

— Ao cinema?

Oliver tinha também falado do cinema, havia muito, muito tempo. Mas Lik e Lak não conseguiam se lembrar do que fosse exatamente.

— É... é uma espécie de filme — explicou Anne Lise.

— Uma pessoa fica sentada numa grande sala, juntamente com muitas outras pessoas, e olha para uma enorme televisão. Muito grande, mesmo...

— Agora são dez e um quarto — disse Hans Petter.

— Podemos encontrar-nos ao meio-dia no Teatro Municipal.

— Ao meio-dia? — perguntou Lak. Lik e Lak não tinham relógios, e não sabiam, sequer, ver as horas. No país de Sukhavati não existia o tempo, e por isso, também não existiam relógios.

— No Teatro Municipal? — perguntou Lik. Oliver tinha-lhes falado de muitas coisas, do porto, do aquário, da praça do mercado de peixe, mas não sabiam onde é que tudo isso se encontrava.

— Têm que perguntar a alguém — respondeu Anne Lise. — E também onde se encontra o Teatro Municipal. Mas agora, apressem-se a sair!

OLVE

Os gêmeos de Sukhavati puseram-se de novo a caminho. Ainda não tinham se afastado da casa branca, quando viram aparecer, de repente, um carro vermelho subindo a encosta, passando bem ao lado deles. Eram a mãe e o pai de Anne Lise e Hans Petter.

O carro deslizou lentamente rente a eles, e por sorte não parou. Mas os dois adultos observaram Lik e Lak com ar de estranheza...

Oliver tinha contado que em Bergen costumava chover, mas naquele dia, não se via sequer uma nuvenzinha. O sol aquecia o rosto, e por todo o lado se viam despontar flores amarelas, vermelhas, brancas e azuis. Era Primavera.

Lik e Lak nunca tinham visto tulipas, nem junquinhos, nem açaflores, nem violetas, nem amores-perfeitos antes. Na floresta de Samandhi cresciam flores completamente diferentes, sem a variedade das terrestres.

Inclinaram-se para tocar uma tulipa vermelha. Delicadamente... Era tão fresca e macia. E depois, era de um vermelho esplendoroso!

Os gêmeos puseram-se a pensar se Oliver e Olívia não teriam inventado a história do Mundo, por amarem tanto as cores. O Mundo era a coisa mais deslumbrante que se pudesse imaginar.

Pouco depois, chegaram à praça do mercado de peixe, mas antes tiveram de atravessar uma grande estrada cheia de trânsito, onde passavam enormes ônibus, caminhões e uma multidão de pequenos automóveis. Dentro destes, estavam sentados homens e

mulheres de ar seriíssimo que faziam um barulho infernal com todos aqueles motores, e da parte de baixo dos carros saía uma enorme quantidade de fumaça de odor intenso. De vez em quando, as pessoas atravessavam correndo a estrada, por entre todos aqueles carros, e Lik e Lak não podiam evitar tapar os olhos com uma mão. Aquele lugar era realmente perigoso para os seres humanos!

— Que estúpidos — lamentou-se Lak.

— Quem?

— As pessoas, não acha? Uma vez que na cidade há tantas pessoas, devia ser proibido andar de carro.

No semáforo apareceu a imagem de um homenzinho verde. Naquele momento, os carros pararam e os peões começaram a atravessar. Lik e Lak imitaram-nos, indo parar, assim, na praça do mercado de peixe.

O mercado pululava de pessoas vestidas com roupas de todas as cores e feitios, e algumas vestiam até roupas verdes, exatamente

como as duas crianças. Mas mesmo assim, Lik e Lak sentiam o olhar aparvalhado dos transeuntes sobre eles.

Alguns minutos depois, viram as pias em que nadavam os peixes vivos. Abanavam o rabo e deslocavam-se com uma tal violência que espalhavam água por todos os lados. Os seus movimentos eram tão rápidos, que era difícil segui-los com o olhar.

Oliver lhes falara disto também, mas agora podiam vê-lo com os seus próprios olhos. O espanto deixara-os sem voz: era a primeira vez que viam peixes vivos.

Na praça do mercado de peixe havia tantas daquelas pessoas, e tantas daquelas coisas estranhas para ver, que os dois gêmeos de Sukhavati não sabiam para onde olhar.

— Não se pode dizer que não tem uma imaginação fértil — disse Lak.

— Quem?

— Oliver, claro. Foi ele que inventou tudo isto.

— Mas os humanos não sabem — disse Lik. — Nem sequer parecem estar contentes de estar aqui. Bem pelo contrário, todos têm ar de estar tremendamente aborrecidos.

Lak olhou à sua volta e anuiu com a cabeça. Apesar do tempo estar tão bonito, havia tanta gente com o olhar obstinadamente fixo no asfalto e de expressão irritada...

— Talvez se alegrem um pouco quando souberem de Sukhavati. Podemos começar já...

— Vamos dizer àquela senhora ali?

Dito e feito: Lik e Lak foram ao encontro de uma senhora de casaco vermelho. Tinha acabado de comprar peixe de um vendedor cuja bancada ficava sob um grande guarda-sol.

— Desculpe, minha senhora... — começou Lak. Tinham aprendido com Olívia, que deviam se lembrar de dizer «minha senhora» quando se dirigissem a senhoras. De outra forma, as coisas podiam não correr bem...

— Sim?

A senhora pareceu ficar confusa. Não era costume ser interpelada por duas crianças que trajassem estranhas roupinhas verdes. Também não era costume que duas crianças a tratassem por «minha senhora».

— Como é que se sente no conto? — interrogou Lak.

— Como... no conto?

— Não é um pouco *estranho*, estar lá dentro? — acrescentou Lik, na tentativa de ajudá-la.

— Vejam só o que tenho que ouvir agora...

— Talvez a senhora não se dê conta de ser uma personagem de carne e osso de um conto.

A senhora olhou à sua volta, como quem quer pedir ajuda a alguém. Nunca tinha ouvido uma criança ter semelhante conversa. Por outro lado, não podia saber que Lik e Lak estavam simplesmente seguindo os conselhos de Olívia sobre o modo de se dirigir às senhoras.

— Mas... será que se pode saber o que estão dizendo...? — conseguiu, por fim, balbuciar.

— Estamos falando daquilo que vocês chamam «realidade», mas que não é de forma alguma real, tal como vocês pensam.

— Não é... não é real?

— Bem, naturalmente existe, mas só como fruto da imaginação. A «realidade» foi completamente inventada, percebe?

— Completamente inventada?

Mais uma vez, a senhora olhou à sua volta, e Lik e Lak temeram que ela fugisse correndo.

— Exato! Ou melhor, fruto da imaginação de Oliver — continuou Lik. — Antes o Mundo era somente um conto na cabeça de Oliver, só que nós não podíamos entrar lá. Como vê, não podíamos andar dentro da cabeça dele. Mas, depois, o Mundo tornou-se uma coisa concreta, e tudo melhorou. É que dentro de uma coisa concreta, pode se entrar, pode se penetrar com todo o corpo.

— Eu não agüento mais! — explodiu a senhora, e fez aquilo que gostaria de ter feito um bocado antes: desatou a correr praça afora.

— Não vale a pena — suspirou Lik. — Bem podemos falar, que ninguém há de acreditar.

Lak ficou ali de pé, absorto nos seus pensamentos.

— Por que é que não nos despimos e mostramos a todos a nossa barriga? — perguntou. — Com Anne Lise e Hans Petter funcionou. Quando viram a nossa barriga, acreditaram também em todo o resto.

— Está muito frio — respondeu Lik. — E depois, podiam levar-nos para a prisão.

— Será mesmo verdade que todos os seres humanos têm umbigo? — continuou Lak.

Lik olhou o gêmeo, espantada.

— Claro que sim! Todos eles têm uma mãe que os pôs no mundo, por isso, têm de ter um umbigo.

— Todos menos Adão e Eva... — murmurou o menino. — Não se lembra de Oliver nos ter contado isso? Eram os dois primeiros seres humanos. Não tinham mãe, por isso, não tinham umbigo. Mas os seres humanos não devem saber disso. Oliver disse que há muitas pinturas de Adão e Eva e que todas elas mostram os seus umbigos.

Um homem aproximou-se deles. Parecia-se um pouco com aquele que tinham encontrado no alto da colina, só que este não tinha cão.

— E então — disse. — Vocês, como é que se chamam?

— Lik e Lak — respondeu Lik.

— E vêm... vêm de Marte, não?

Lik e Lak trocaram um olhar de entendimento. O homem observava as suas roupinhas com ar reprovador.

— Para dizer a verdade, viemos de Sukhavati — disse Lak.

— De Sukhavati, heim? Estou vendo...

Anuiu com a cabeça. Em seguida, sacou um cachimbo, meteu-lhe tabaco e pôs-se a fumar. Exatamente como Oliver. Da sua boca, porém, não saíam figuras, mas apenas nuvenzinhas de fumo branco.

Lik e Lak decidiram falar-lhe seriamente. Talvez ele conseguisse compreender...

— E você, de onde vem? — perguntou-lhe Lak.

— Eu nasci aqui, em Bergen — respondeu o homem —, há quarenta e seis anos. O meu nome é Sverre, Sverre Hansen, mas quase todo mundo me chama de Olve.

Oliver! Lik e Lak olharam um para o outro.

— E os seres humanos, de onde vêm? — perguntou Lik.

— Bem... é uma longa história...

— Que começa com Adão e Eva, não é? — continuou Lik.

— É o que consta, de fato.

Anuiu e olhou-os novamente.

— Mas dizem-se tantas coisas... — acrescentou.

— Eles tinham umbigo? — perguntou Lak sem exaltações.

— Como? Se tinham umbigo?

— Pois... se não tinham uma mãe...

Neste ponto, o homem começou a mostrar-se verdadeiramente interessado pela conversa. Não era costume deparar-se com um problema daquele gênero, a tais horas da manhã.

— Isto requer uma discussão aprofundada, — disse, categórico. — Estava mesmo para me sentar e tomar um café. Também apetece à vocês um refresco, não?

Dirigiram-se a um café que ficava na marginal. Lik e Lak tomaram um refresco e comeram umas rosquilhas. Tinham um sabor curioso, e as bolinhas do refresco faziam cócegas na língua.

— Com que então vocês vêm de Marte — disse Sverre. — Aliás, de Sukhavati, não é assim?

— Exatamente.

— Vocês são realmente umas crianças curiosas — continuou Sverre. — Mas onde é que ouviram falar de Sukhavati? Normalmente as crianças não sabem essas coisas. Aliás, nem sequer muitos adultos...

A curiosidade de Lik e Lak acendeu-se imediatamente. O quê, aquele homem sabia da existência de Sukhavati?

— Nós viemos de lá. Chegamos ontem...

— Vocês não são tolos!

— Mas você sabe da existência de Sukhavati?

Lik fixou-o, muito séria.

— Eu li e viajei muito — respondeu ele.

A este ponto, Lik e Lak já não entendiam mais nada. Mas Sverre continuou:

— Sukhavati significa o «país feliz», e situa-se a ocidente do Sol e da Lua. Na Ásia, muitas pessoas acreditam que um dia irão para lá, se tiverem levado uma vida honesta.

— Então Oliver também inventou isso — interrompeu Lik.

Lik e Lak sentiam-se aliviados. No início tinham pensado que o homem conhecesse realmente Sukhavati. Mas agora percebiam que não era assim. O homem ouvira apenas uma história sobre Sukhavati...

— Oliver? — perguntou. — Vamos lá, expliquem-se melhor!

E Lik e Lak tiveram de contar tudo. Falaram de Sukhavati, de Sunyata e da Flor de Cristal. Contaram de Oliver e Olívia, de Pleroma e de Ananda. Ficaram ali a falar durante quase uma hora.

O estranho, naquele homem, é que deixava-os falar sem interrompê-los. Só por uma vez é que teve de se levantar para ir buscar mais refrescos e café. Passado pouco tempo, pôs-se a tomar notas. Lik e Lak pensaram que ele estivesse escrevendo tudo o que eles lhe contavam.

Por fim, calaram-se. Já tinham dito tudo o que tinham para dizer. Agora, era a vez do homem.

— Fabuloso — disse, fechando o bloco de notas. —
Absolutamente fantástico!

Fixou-os. A sua expressão era séria, tão séria como fora a de
Olívia quando os dois gêmeos partiram de Sukhavati.

— Isso daria um livro, podem ter certeza. Caramba, é uma
história magnífica!

Olhou à sua volta. Parecia quase temer que alguém tivesse
ouvido o que estavam dizendo.

— Quem é que lhes contou? E como sabem contá-la bem!
Esplêndido, realmente.

Abanou o bloco de anotações e bateu-o na mesa.

— Porque... porque é impossível que vocês a tenham inventado toda sozinhos.

Lik e Lak abanaram a cabeça.

— Nós não inventamos absolutamente nada — disse Lak. — E cá para mim, nem sequer sabemos contar assim tão bem. Não é nada difícil contar uma história quando tudo é verdade.

Sverre voltou a acender o cachimbo. Nem desta vez conseguiu que do fumo saísse qualquer coisa como um cão ou um gato.

As duas crianças não entendiam que sentido tivesse fumar, se não servia para dar vida a nenhuma figura.

— Uma coisa de cada vez — disse Sverre. — Todos os nomes, por exemplo. As crianças não conhecem coisas como Pleroma e Sukhavati, posso apostar aquilo que quiserem.

Lik e Lak entreolharam-se e abanaram a cabeça, conformados.

— Mas chamam-se Sukhavati e Pleroma — tentou explicar Lak.
— Sempre se chamaram assim.

— Desculpe — começou Lik, olhando de frente para o homem
—, mas você já ouviu falar de Pleroma?

— Sim, algumas vezes, meus queridos. Já ouvi todos os nomes de que vocês falaram. Mas só porque estudei esses temas profundamente. Todos esses nomes foram utilizados pelas várias religiões...

— Religiões?

Lik não se lembrava bem do que isso pudesse significar.

— Mas então, isto vocês não sabem? Quer dizer, ouviram falar de Pleroma, mas não têm idéia do que sejam religiões.

Lik disse que não com a cabeça.

— Claro que temos — interveio Lak. — As religiões são aquelas coisas em que as pessoas acreditam. Têm diferentes teorias acerca de como nasceu o Mundo, e coisas desse gênero. Mas todas as religiões foram inventadas por Oliver.

O homem fingiu não ter ouvido. Começou, por seu lado, a falar de todos aqueles nomes. Continuava a consultar o seu bloco de anotações.

Explicou que Ananda significava «beatitude, alegria». Quando Lik e Lak o ouviram dizer, não puderam evitar um sorriso. Era bom saber que Oliver tinha posto o seu castelo de pedras na grande história do Mundo. E também que significava «alegria»!

— E Pleroma — disse Sverre, por último — deriva de uma palavra que significa «plenitude divina». Há mais ou menos dois mil anos, eram muitos os que acreditavam que tudo vinha de uma coisa a que chamavam Pleroma...

— Pelo contrário — retorquiu Lak, de repente, com arrebatamento. — Deve ser exatamente o contrário. Os seres humanos acreditaram numa coisa cujo nome deriva da gruta de Oliver. Mas é verdade que está repleta de coisas estranhas e é absolutamente correto dizer que o Mundo vem de lá.

— Bem, lábia é que não te falta, meu rapaz! Não se pode dizer que seja um ingênuo...

Lik e Lak e Sverre Oliver Hansen ficaram muito tempo ali, mirando-se atentamente. De repente, Lik estremeceu.

— Que horas são? — exclamou, dirigindo-se ao homem.

— São um quarto para o meio-dia — respondeu ele.

— Oh... temos de ir. Sabe onde fica o Teatro Municipal?

O homem explicou-lhes o caminho, e os dois meninos levantaram-se.

— Esperem só um bocadinho — disse. — Ainda não me disseram quem lhes contou a história de Sukhavati.

Lik e Lak trocaram um rápido olhar.

— Ninguém, ainda não percebeu? — disse Lak. — O Mundo é que é uma história.

O homem abanou a cabeça, conformado.

— Não dão mesmo o braço a torcer, é ou não é? — disse.

Naquele momento, Lik olhou para Lak.

— Fazemos aquilo? — sussurrou. Lak anuiu.

— Acreditaria em nós, se visse que não temos umbigo? — perguntou Lik.

O homem ficou de boca aberta.

— Bem, se vocês realmente não tivessem umbigo, tudo aquilo poderia ser verdade.

Aí, Lik e Lak abriram as roupinhas o suficiente para que Sverre pudesse ver a sua barriga, lisa e toda inteira como umas costas.

O cachimbo caiu-lhe da boca, e pouco faltou para que ele próprio caísse da cadeira em que estava sentado.

— Meus Deus... — balbuciou.

— Agora temos mesmo que ir embora — disse Lak.

— Esperem! — gritou o homem. Mas Lik e Lak já iam saindo do café.

Sverre Oliver Hansen levantou-se e foi atrás deles.

— Ei, podem me chamar de Olve — gritou.

A MISSÃO

Olve sou eu. Fui eu que encontrei os gêmeos de Sukhavati na praça do mercado de peixe de Bergen, naquele sábado de Abril, há muito tempo atrás. E sou eu quem está escrevendo a sua história. Terei de falar também um pouco sobre mim mesmo, já que, desde aquele primeiro encontro, voltei a ver Lik e Lak em muitas outras ocasiões. Tive ainda oportunidade de falar com Hans Petter e Anne Lise. Tinha que descobrir mais coisas acerca dos dois meninos que não tinham umbigo.

Prosseguirei daqui a pouco a minha história, mas antes, tenho de contar o que aconteceu na casa da Rua da Montanha, depois de Lik e Lak terem ido para a cidade.

Lik e Lak tinham acabado de sair de casa, quando a mãe e o pai de Anne Lise e Hans Petter chegaram do supermercado.

— Vimos umas crianças aqui fora... — disse a mãe. Parecia realmente apouquentada com isso.

— Nunca os tinha visto antes... Tinham umas roupas verdes, ridículas, muito estranhas, mesmo...

— Iam a um baile de máscaras — disse Anne Lise. A mãe fixou-a com ar inquisidor.

— Anne Lise, como pode saber disso?

Entretanto, o pai subira ao andar de cima. Ouviram-no entrar no quarto dos filhos.

— Vocês dois, venham cá imediatamente — bradou. Via-se que estava furioso.

Hans Petter, Anne Lise e a mãe, subiram à sala. O pai sentara-se no sofá.

— Não era suposto arrumarem as coisas? — começou por perguntar.

— Vamos já arrumar — respondeu Anne Lise, embora pressentisse que havia algo de errado.

— E agora hão de explicar-me por que é que há migalhas de pão *debaixo* das suas camas. Ontem não havia...

Anne Lise percebeu que não adiantava continuar fingindo.

— Eles estiveram aqui... — disse.

— Quem? — perguntou o pai, com ar severo.

— Os meninos das roupinhas verdes. Vieram ontem, enquanto vocês estavam na festa. E depois dormiram debaixo das nossas camas...

— O que é que está dizendo?

— Eles não têm nem mãe nem pai. Vêm de Sukhavati. E não têm umbigo.

A mãe e o pai ficaram de boca aberta. Anne Lise contou tudo o que se passara. Nessa altura, os pais passaram de zangados a preocupados.

— Mas, Anne Lise — disse a mãe — você sabe, não é, que nada disso pode ser real...

— Como é que você sabe?

— Como é que eu sei?

Anne Lise e Hans Petter não tiravam os olhos do chão. Reinava um silêncio sepulcral.

— O que há atrás das estrelas? — perguntou Anne Lise.

— Isso ninguém sabe — respondeu o pai, categórico. — Ninguém, entendido? E além do mais, isso não importa nada. Mas em casa, é preciso que haja ordem.

— Para lá do Universo... — murmurou Anne Lise com ar sonhador. — Está o país de Sukhavati.

— Histórias e mais histórias! — replicou o pai. Nem mesmo agora estava zangado: só queria parecer convincente.

— O Mundo é que é uma história, papai. O Sol, as árvores e todos os animais. Tudo é uma história. Não acha?

— Não acho? Anne Lise, você tem dez anos. Já devia saber distinguir a realidade da fantasia.

Enquanto pronunciava a palavra «realidade», agarrou com força a borda da mesa da sala, como se fosse a coisa mais real que ele conhecesse.

— Mas não te parece que o Mundo é um bocado estranho? — insistiu Anne Lise.

— Não... estranho? Que tolice!

— Para mim, o Mundo é um grande conto — disse Anne Lise com o olhar perdido no vazio. Aquele olhar parecia poder atravessar o pai, a mãe, o teto, até penetrar no país de Sukhavati.

— Agora chega! — exclamou o pai, desta vez, novamente zangado. — Aqui quem manda sou eu!

Levantou-se do sofá e bateu com o punho na mesa.

— Já estou farto, é o que lhes digo!

Depois aconteceu qualquer coisa que nem Hans Petter nem Anne Lise conseguiram explicar.

Os dois irmãos lembraram-se de repente do encontro com Lik e Lak, vendo-se obrigados a pedir para ir ao cinema. A permissão não se fez esperar.

Os pais sentiram-se quase aliviados pelo fato de lhes pedirem algo de tão banal como a permissão para ir ao cinema e ainda lhes deram dinheiro de sobra, para uma bebida e um cachorro quente. Felizmente, pois esse dinheiro chegaria para pagar também o bilhete dos gêmeos de Sukhavati.

Quando voltaram, pela tardinha, tinham o quarto num brinquinho. No chão, debaixo da cama, não ficara uma única migalha de pão.

Lik e Lak desataram a correr: tinham mesmo que deixar Olve para trás. Não podiam chegar tarde ao Teatro Municipal.

Pararam várias vezes para perguntar o caminho. Andar por Bergen era quase tão difícil como vaguear pelo castelo de Ananda, no país de Sukhavati. A única coisa que facilitava o caminhar em Bergen, era o fato da cidade ser plana.

Instantes depois, já estavam à frente do cinema e, pouco mais longe, divisaram Hans Petter e Anne Lise. Os gêmeos ficaram tão contentes, que se puseram a saltar e a dançar por entre os carros. Era tão bom ter dois bons amigos naquela grande história.

Os gêmeos de Sukhavati acharam emocionante entrar na sala escura do cinema. No início houve muita publicidade, mas depois, começou o filme.

O filme falava de umas bonecas estranhas, que viviam num país encantado. O protagonista vivia numa casa esquisita, no cume de uma alta montanha.

Também os seres humanos que vivem no Mundo são figuras encantadas como aquelas, pensavam os gêmeos de Sukhavati. Só que não sabem. Não sabem que vivem num mundo de bonecas...

Uma hora e meia depois, as quatro crianças saíram da pequena história que o cinema lhes mostrara, para reentrar na grande história que os esperava lá fora.

Passaram em frente do teatro e desceram em direção à avenida principal, a maior e mais larga da cidade.

Era uma hora e meia. Muitas lojas já estavam fechadas, mas a rua continuava cheia de gente. Várias pessoas se voltavam para olhar para Lik e Lak.

Os gêmeos decidiram contar de Sukhavati a toda aquela gente. Anne Lise e Hans Petter ainda tentaram dissuadi-los, mas não valeu a pena: Lik e Lak estavam mesmo decididos a levar a cabo a sua importante missão.

Lik e Lak começaram por subir a um banco, em plena avenida principal, e isto foi o bastante para que várias pessoas os rodeassem.

— Ouçam todos! — gritou Lak. — Nós descemos à Terra para lhes dar uma grande notícia...

— Não tenham medo! — exortou Lik. — Nós viemos de Sukhavati para lhes contar de Oliver e de Olívia.

Um número crescente de pessoas rodeava o banco. Os gêmeos contaram a história de Sukhavati e de Pleroma e da grande esfera da planície de Advaita.

O que estavam a anunciar era uma notícia surpreendente mas, no entanto, as pessoas não faziam o que quer que fosse; limitavam-se a olhar para os dois meninos vestidos de verde sem dizer uma palavra. A maior parte das pessoas estava ali, imóvel, sem mudar de expressão.

— É sempre a mesma coisa — disse Lik olhando desiludida para o irmão. — Não acreditam em nós.

— Mas então vou me zangar — respondeu Lak. — E zangar de verdade. Vamos começar a falar em outras línguas. Está ouvindo, Lik? Eles não estão habituados a isso. Não estão mesmo nada habituados a que as crianças saibam falar todas as línguas do mundo.

— Ladies and gentlemen — disse Lak —, we are telling you that the world is a wonderful fantasy...

Continuou depois em italiano:

— La vita é una favola...

Naquele momento foi interrompido por Lik, que começou a exprimir-se em Alemão:

— Warum können sie nicht glauben was wir erzählen?

— Bolas! — exclamou um homem que estava na primeira fila:
— Falam inglês, italiano e alemão!

Mas Lik e Lak ainda não tinham acabado. Aquilo era só o início: começaram a falar em espanhol, em finlandês, em chinês, em russo, em urdu e em swahili!

Os gêmeos de Sukhavati continuaram a falar. Hans Petter e Anne Lise batiam palmas, entusiasmados, tal como o faziam muitos outros. Por fim, a multidão começou a animar-se.

— É um milagre! — exclamou uma senhora já idosa. Não pôde dizer mais porque perdeu os sentidos. Caiu no chão, ficando estendida em plena rua.

— Quem são vocês, afinal? — gritou um dos espectadores, visivelmente perturbado.

— Nós viemos de Sukhavati — disse Lik. — Mas o mesmo vale também para vocês!

— Acordem! — gritou Lak. — Belisquem-se!

E houve um dos espectadores que beliscou o próprio braço.

— Acordem desse seu sono de Bela Adormecida! — insistiu Lak.

Porém, de repente, a situação mudou. Um homem, que andava a passos largos pela avenida, parou de repente e indicou Lik e Lak com atitude ameaçadora.

— Ei-los de novo — disse. — São os mesmos que estavam ontem na praça!

As outras pessoas viraram-se para ele e, imediatamente, algo de espetacular aconteceu. Por alguma razão, aquele homem conseguiu transfigurar a atmosfera que se tinha gerado entre a multidão. Ninguém mais aplaudia, pelo contrário: os espectadores rosnavam como feras. Lik e Lak perceberam que a sua exibição chegara ao fim.

— Tenho medo — disse Anne Lise.

— Quero ir para casa — choramingou Hans Petter.

— Vamos embora! — disseram Lik e Lak.

Naquele mesmo instante, a multidão começou a avançar para eles.

— Agarrem-nos!

— Chamem a polícia!

Hans Petter, Anne Lise e os gêmeos de Sukhavati tiveram que se pôr a correr como loucos, para fugir àquela multidão enraivecida. Atravessaram a avenida em direção aos grandes armazéns.

— Não entendo — disse Anne Lise sem parar de correr. — No fundo, não fizemos nada de mal...

Mas o que ela pensava já não tinha qualquer importância. Já eram muitos os que tinham se lançado na perseguição.

— Acho... que os adultos não gostem de ser gozados — disse Lik, ofegante. — É possível que tenham se sentido gozados em toda a história... quando desaparecemos de repente... na esfera de cristal.

Entraram de supetão nos grandes armazéns. A multidão os seguiu, fazendo esvoaçar camisas e roupa interior por todo o lado.

— A escada rolante! — disse Hans Petter, quase sem respiração.

Precipitaram-se para a escada rolante e subiram ao primeiro andar. Era a primeira vez que Lik e Lak viam uma escada rolante.

— Fantástico! Devíamos ter umas escadas assim no interior de Ananda! — comentou Lik, com uma pontinha de inveja.

Depressa se encontraram na seção de brinquedos, no terceiro andar. Tinham conseguido dispersar os perseguidores. Apressaram-se a se enfiar no banheiro, e fecharam a porta à chave.

— Temos que voltar à esfera de cristal — disse Lik, séria.

— E nós, temos de ir para casa encontrar com a mamãe e o papai — acrescentou Anne Lise. — Senão eles se zangam, e muito.

Isso significava que todos os quatro tinham de conseguir chegar até o elevador.

— E se nos apanham e nos põem na prisão? — perguntou Lak, preocupado. — Não acredito que os habitantes da Terra gostem de crianças sem umbigo...

Os quatro meninos olharam-se, sérios.

— Tenho um plano — disse Hans Petter, de repente. — Um plano astucioso.

Os outros olharam-no com ar interrogativo.

— Eu e Anne Lise não corremos riscos. Somos crianças normais que não têm nada a temer.

— Mas isso não ajuda a nós — objetou Lak, confuso.

— Claro que ajuda, posso garantir: podemos trocar de roupa!

— Espera aí, mas assim é a nós que eles prendem!

Anne Lise não achava aquele plano assim tão astucioso.

— Não faz mal — continuou Hans Petter. — Porque nós podemos mostrar que temos umbigo. E depois, sempre podemos dizer onde moramos...

Olharam uns para os outros.

— É uma idéia genial — disse Lik, entusiasmadíssimo.

— Ninguém vai nos perguntar quem somos, se estivermos com as suas roupas.

Todos concordaram que aquela era uma ótima idéia. Sentaram-se no chão. Num abrir e fechar de olhos trocaram as roupas. Lik ficou com as meias brancas de Anne Lise, a saia azul e a camiseta vermelha. Lak enfiou as calças e a camisa de Hans Petter, enquanto Hans Petter e Anne Lise vestiram as roupinhas verdes.

Hans Petter e Anne Lise puderam ver novamente as barrigas lisas dos gêmeos de Sukhavati. Desta vez, já não se assustaram, embora aquilo fosse, na verdade, um espetáculo único.

Quando ficaram todos prontos, desataram a rir, mas naquele exato momento, ouviram bater à porta.

— Temos que nos separar — sussurrou Anne Lise. — Aqui tem dinheiro para o elevador...

Abriram a porta, e Hans Petter e Anne Lise esgueiraram-se por entre as pernas de dois senhores que esperavam para ir ao banheiro. Depois desapareceram pelas escadas abaixo.

Lik e Lak olhavam divertidíssimos Hans Petter e Anne Lise que escapavam vestidinhos de verde. Era como verem a si mesmos de fora. Quanto a eles, podiam ficar descansados. Naquele momento, não passavam de duas crianças normalíssimas.

Saíram do piso térreo dos grandes armazéns com toda a calma. Havia ainda muita gente a circular para cima e para baixo, à

procura das duas crianças vestidas de verde. Ninguém pareceu ter notado Lik e Lak.

Os gêmeos encaminharam-se para a estação do elevador.

— Vamos até o fim da linha! — disse Lak à bilheteria, estendendo-lhe o dinheiro que Anne Lise lhes dera.

— Só ida? — perguntou a senhora. As crianças disseram que sim.

— Mas depois não têm que descer novamente?

— Não, não — respondeu Lik. — Já não temos coragem.

— Vão fazer uma corrida?

— Para dizer a verdade, vamos é voar! — respondeu Lak.

Mal entraram no túnel imerso na escuridão, viram uma cena que os encheu de terror.

Lá em baixo, à frente da linha do elevador, estavam Anne Lise e Hans Peter. Em volta deles tinham-se apinhado um monte de gente, uma verdadeira multidão. Um policial agarrava-os por um braço.

Tinham sido apanhados, e a culpa era de Lik e Lak.

Lak queria acudí-los, mas já bastava que os amigos tivessem sido apanhados. Pelo menos, eles podiam mostrar que tinham umbigo e, ainda, uma mãe e um pai. Os gêmeos, pelo contrário, estavam em bem maus lençóis. Se Lik e Lak tivessem sido apanhados, com certeza teriam ido parar na prisão...

— Espere — disse Lik. — Não há nenhum motivo para ter medo. Temos aspecto de duas crianças normais. Por outro lado, temos de ir até o cume da montanha de elevador, para ir buscar a esfera de cristal antes que alguém a encontre.

Naquele momento, repararam que Hans Petter e Anne Lise os tinham visto. Anne Lise tentou dizer através de gestos que não se preocupassem.

— Por que é que não os deixam ir embora, agora? — perguntou Lik ao policial, quando passou em frente daquela multidão. — Não é gentil ser mau com os outros, mesmo que sejam um pouco diferentes!

— E mesmo que venham de Sukhavati — disse Lak.

Hans Petter e Anne Lise tentaram disfarçar um sorrisinho de entendimento, enquanto os dois amigos continuavam o seu caminho até à entrada.

Em pouco tempo, ei-los novamente no alto da colina, bem lá no alto, sobre a cidade.

— E se a esfera de cristal já não estiver lá? — perguntou Lik, preocupada.

— Nesse caso, nunca mais poderíamos voltar a Sukhavati, e teríamos de ficar no Mundo para sempre.

— Não, para sempre não. No Mundo o tempo passa: aqui envelhecemos tal como todo mundo do conto. E por fim, acabaríamos morrendo...

Desataram a correr. Não tinham sequer coragem de pensar no que poderia acontecer, caso perdessem a esfera de cristal. Em poucos minutos chegaram ao lugar onde a tinham deixado, apressando-se a tirar os ramos que a cobriam. Felizmente, ali estava toda inteirinha.

Abriram a portinhola e sentaram-se.

— Para a esquadra da polícia! — exclamou Lak. Nesse mesmo instante, a esfera apareceu estacionada ao lado de um carro de polícia, em frente da estação, em plena cidade. Uns segundos depois, chegou um policial e quatro adultos, dirigindo-se a passos largos em direção à esfera.

— Para a casa de Hans Petter e Anne Lise — disse Lik.

Entraram num grande edifício. E eis que vislumbram, em baixo, ao longe, os meninos da Rua da Montanha: estavam sentados e falavam com quatro policiais.

Quando, de súbito, viram uma esfera de cristal, no meio do compartimento em que se encontravam, todos se retraíram bruscamente, não só porque a esfera aparecera de repente, mas sobretudo porque tinha vindo do nada.

Lik entreabriu a portinhola e gritou:

— Libertem-nos imediatamente!

O mais insólito foi que ninguém tentou apanhá-los, pelo contrário: os quatro policiais ficaram de pé com as mãos sobre os olhos, cheios de medo, mais parecendo criancinhas.

Lik e Lak fizeram sinal a Hans Petter e Anne Lise, e todos os quatro saltaram para dentro da esfera. Sentiam-se um pouco apertados, mas não estariam com certeza mais folgados na prisão. Imediatamente, a seguir, os policiais tiraram as mãos da frente dos olhos e começaram a se aproximar.

— Para a avenida principal! — gritou Lak.

A esfera de cristal com as quatro crianças apareceu no centro da avenida, pelo meio da multidão. As pessoas afastaram-se bruscamente em todas as direções, fugindo a correr.

As crianças deslizaram para fora da esfera. Mas ainda não tinham tido tempo de gritar que o Mundo era um conto, quando ouviram vir de um dos lados um som ensurdecedor de sirenes.

— Vamos deixá-los chegar bem perto — disse Lik.

Em poucos segundos, um carro da polícia entrou na avenida numa direção, enquanto um outro chegava de direção oposta. De ambos os carros saltaram oito agentes de polícia, tão corajosos quanto assustados, que se dirigiram com decisão para a esfera de cristal.

As crianças meteram-se novamente dentro da esfera.

— Para três metros do chão! — disse Lak no exato momento em que um dos agentes estendia a mão para a esfera de cristal.

Os quatro viram-se a olhar lá de cima para todos os policiais, alguns dos quais acabados de bater noutros, dado que todos corriam a grande velocidade em direções opostas. Não conseguindo agarrar

a esfera, agarraram-se uns aos outros, acabando por cair violentamente no chão.

— Para a frente e para trás — disse Lak.

E logo começaram a balançar, suspensos no ar, para a frente e para trás, por cima da cabeça de toda aquela gente aterrorizada.

Os gêmeos abriram a portinhola e gritaram aos policiais amedrontados que mantinham o olhar fixo no ar.

— É melhor que se conformem! — exclamaram. — Nunca conseguirão nos apanhar...

No meio da multidão, lá em baixo, divisaram de repente a figura de Olve. Tinha despontado por trás de uma banca de jornais e, olhando para cima, acenara-lhes com a mão.

— Bravo, bravo! — gritou. — Continuem assim!

Lik e Lak responderam ao aceno. Agora percebiam que ele acreditava em tudo o que lhe tinham contado acerca do Mundo e de Sukhavati. Por outro lado, tinha visto que não tinham umbigo...

Na rua, cada vez mais pessoas se concentravam, e continuava a aumentar o número de carros da polícia de emergência, além de alguns carros dos bombeiros apetrechados com uns enormes tubos de borracha e escadas altíssimas.

Um dos agentes de polícia gritou, dirigido a eles, com um megafone:

— Desçam imediatamente!

Hans Petter e Anne Lise sentiam o coração na garganta. Agora estavam realmente assustados.

— O ar é de todo mundo! — retorquiu Lak.

— Desçam imediatamente — ordenou o policial. — É proibido... esvoaçar para a frente e para trás dessa maneira.

— Nós não temos umbigo — gritou Lik. — Aposto que também isso é proibido!

— Se não descerem já, seremos obrigados a atingí-los com jatos de água.

Naquele instante, as crianças viram que de um dos carros de bombeiros saía um longo tubo de borracha. Passados uns segundos, o tubo estava apontado para a esfera de cristal.

— Depressa — disse Anne Lise. — Temos de sair daqui!

Naquele preciso momento Lak viu um grande cartaz publicitário na vitrine de uma agência de viagens que ficava por baixo, em que sobressaía o escrito «SAARA» e, sem pensar duas vezes, disse:

— Vamos para o Saara!

A ESFERA DE CRISTAL

No instante seguinte, a esfera de cristal com as quatro crianças dentro, viu-se no alto de uma duna de areia, em pleno deserto. Um sol tenso e avermelhado pesava no horizonte. Anne Lise e Hans Petter nunca tinham visto nada tão bonito mas, apesar disso, puseram-se a chorar.

— Quero voltar para casa para encontrar com a mamãe e o papai — disse Anne Lise fungando.

— Não temos licença para estar aqui — soluçou Hans Petter. — Tínhamos prometido voltar para casa logo depois do cinema...

Lik e Lak entreolharam-se.

— Mas vocês podem voltar para casa logo que queiram — tranqüilizou-os Lak. — Mesmo que tivéssemos de ficar no Saara durante muitas semanas, conseguiriam chegar em casa logo depois do cinema, porque dentro da esfera o tempo não passa.

Hans Petter e Anne Lik pararam automaticamente de chorar: não podiam não acreditar nas palavras dos gêmeos de Sukhavati. Mas não deixava de ser bastante estranho verem-se de repente em pleno Saara...

Abriram o portinhola e desceram da esfera de cristal. O ar era seco e quente. Baixaram-se para tocar a areia: parecia que tinha febre.

— Se tivesse vindo para cá, diretamente de Sukhavati — disse Lak —, não acreditaria que no globo terrestre houvesse vida.

— Então, o melhor é encontrarmos um lugar onde haja mais vida — propôs Lik, enquanto entravam novamente para a esfera.

— Podemos ir a uma grande cidade? — perguntou Hans Petter ansiosamente. — A Nova Iorque, por exemplo?

— Claro! — Lik olhou para o gêmeo. — Para o topo do Empire State Building! — exclamou.

Nesse mesmo instante, a esfera com as quatro crianças dentro viu-se no coração de Manhattan, a cento e um andares da chão. Estavam lá com dificuldade, na ponta do pináculo do famoso arranha-céu que, porém, era estável como uma cúpula.

Por todo o lado se via arranha-céus. Mas eram muito poucos os que atingiam a altura do Empire State Building.

— Este edifício ainda é mais alto do que a torre mais alta de Ananda — disse Lik, roendo-se de inveja.

Lá em baixo, centenas de metros abaixo deles, viam-se minúsculos pontinhos em movimento. Eram pessoas e automóveis.

As ruas entrecruzavam-se por todos os lados, retas como as linhas de uma folha quadriculada. Somente uma estrada se desenrolava como uma serpentina por cima de todas aquelas linhas retas. Lik e Lak disseram aos outros dois que aquela estrada se chamava Broadway. Muito tempo antes da fundação da cidade, tinha sido um caminho de índios.

As crianças concordaram que Nova Iorque era uma cidade realmente enorme, tão grande que até dava vertigens.

— Aqui vivem mais de oito milhões de pessoas — disse Lak. — Quase o dobro da população da Noruega inteira...

— Mas não há sequer um quadradinho de verde! — exclamou Anne Lise.

— Há, sim! — respondeu Lik. — Vamos para o Central Park!

E a esfera novamente se deslocou, para aparecer no coração de um grande parque. Também aqui havia umas estradinhas e muitas pessoas, quase todas em movimento. A maior parte das pessoas fazia *jogging* ou andava de patins.

Mas, inesperadamente, aconteceu a mesma coisa que se verificara quando Lik e Lak tinham aterrado pela primeira vez em Bergen: as pessoas começaram a concentrar-se em volta da esfera de cristal.

As crianças não ousavam sair. Um número crescente de pessoas ia-se concentrando em seu redor, a poucos metros de distância, apontando para eles e agitando os braços. Uma criança pequena aproximou-se até tocar na esfera. Lik e Lak sorriram-lhe e deram-lhe adeus do interior. Depois, porém, começaram a se ouvir ao longe sirenes e, pouco depois, chegaram os carros da polícia...

— Para Harlem! — exclamou Lak.

E uma vez mais a esfera se deslocou. Agora encontrava-se no topo de um edifício de três andares. Em volta viam-se algumas casas velhas e em ruínas. Quase todas as janelas tinham os vidros partidos e pela rua reinava uma desolação absoluta.

— Onde estamos agora? — perguntou Hans Petter. Lik e Lak não puderam evitar o riso.

— Isto continua a ser Nova Iorque. Aqui vivem muitas pessoas pobres.

— Não sabia que na América havia pobreza — disse Anne Lise, espantada. — Pelo menos, não em Nova Iorque. Não é verdade que os Estados Unidos é um país riquíssimo?

— É um país riquíssimo e, ao mesmo tempo, pobríssimo — respondeu Lik. — Muitas pessoas não têm sequer o suficiente para sobreviver...

— Não me parece uma boa idéia — comentou Anne Lise. — Decididamente Oliver não tem uma imaginação assim tão excepcional.

Lik e Lak tentaram conter o riso uma vez mais.

— Oliver não pode controlar tudo o que acontece no conto — explicou Lik. — Os habitantes da Terra é que têm de decidir como é que as coisas devem se passar aqui dentro.

Uma espécie de interrogação invadiu o rosto de Lik e Lak.

— Até agora, só viajamos no presente — disse Lik, por fim. — Mas também podemos ir perfeitamente *para uma outra época* do conto...

Hans Petter e Anne Lise trocaram rapidamente o olhar. Valeria a pena ousar tanto?

— E se depois não conseguirmos voltar ao presente? — perguntou Anne Lise.

— É tão fácil como ir do Saara até Nova Iorque — respondeu Lak em tom convicto. — Só temos que dizer *onde* e *quando* queremos ir.

— Sempre tive vontade de dar dois dedos de prosa com um índio verdadeiro...

Tinha sido Hans Petter a falar. Falava em tom sonhador.

— Será que podemos ir para a América, no período anterior à vinda do homem branco e à destruição do país?

— Boa! — exclamou Lak. — Para o reino dos Incas, no ano de 1500.

Viram-se no exterior de uma grande cidade construída sobre um planalto. Estavam a uma certa distância da cidade propriamente dita. Um pouco mais abaixo, havia pessoas atarefadas trabalhando a terra. Pareciam estar semeando batatas.

— Que cidade maravilhosa! — exclamou Hans Petter, fascinado. — E pensar que havia cidades tão bonitas antes da chegada dos Espanhóis!

— Os habitantes são agora ricos e felizes — disse Lik. — Mas em breve vão chegar os europeus, e vão estragar tudo.

— Para a praça central da cidade! — ordenou Lak. Nesse mesmo instante, a esfera viu-se à beira de uma vasta praça: a praça do mercado daquela cidade inca. Visto que tinham chegado sem fazer qualquer espécie de barulho, tiveram alguns segundos antes de serem descobertos. A praça pululava de gente que se ocupava a trocar toda a sorte de produtos. Eram batatas e milho, tomates, nozes e abóboras, esplêndidos vestidos de lã e de algodão, jóias de ouro e de prata e até animais vivos: tanto patos como lhamas eram trocados por outras mercadorias.

— Que lindas cores têm as suas roupas! — exclamou Anne Lise. — O vermelho é ainda mais vermelho que os tomates, e o azul,

ainda mais azul que o céu.

Os gêmeos de Sukhavati anuíram. Agora entendiam por que é que Olívia tinha um fascínio tão grande pelos índios, ela que amava as flores...

Naquele preciso instante, instalou-se um rebuliço geral. Muitos se voltaram apontando a esfera de cristal. Tinham sido descobertos!

Lik e Lak abriram a portinhola e, na língua dos Incas, disseram que vinham de Sukhavati. Aí, os índios deitaram-se ao chão murmurando uma série de palavras estranhas, que para as crianças da Rua da Montanha, eram absolutamente incompreensíveis.

— Estão dizendo que nós somos Filhos do Céu — explicou Lik.

— Não ficaram zangados? — perguntou Anne Lise.

— Não, por que é que haviam de ter ficado? Que sentido tem ficarem zangados só porque vêem qualquer coisa que não conseguem entender? Os índios são muito melhores que os habitantes de Nova Iorque e de Bergen no aceitar aquilo que não compreendem. Só quando pensamos entender tudo, é que nos zangamos se, subitamente, nos deparamos com o que não conseguimos entender. Mas o cúmulo da estupidez é pensar que se entende mais do que aquilo que de fato se entende...

— Poderíamos contar-lhes dos conquistadores que virão da Europa para devastar o seu país... — disse Anne Lise.

— Não, não! — responderam em coro Lik e Lak. — Deixemo-os viver felizes enquanto podem!

Lik e Lak despediram-se com um aceno de todos os índios que se encontravam naquela enorme praça, proferindo algumas palavras de despedida na sua língua.

— E agora, para onde vamos? — perguntou Lik.

— Podemos ir para uma época da história muito, muito longínqua. Vamos para o vale do Reno, cem mil anos atrás...

Nesse mesmo instante, a esfera apareceu no meio de uma paisagem cheia de verde e Hans Petter e Anne Lise viram algo de que jamais se esqueceriam.

Tudo o que se apresentava perante os seus olhos, todas as flores e árvores, eram um pouco diferentes daquelas a que estavam habituados. Reconheceram muitas plantas que já tinham visto na Noruega mas, mesmo assim, não eram exatamente iguais: tudo tinha um aspecto ligeiramente distinto.

Um pouco mais além, viram uns porcos, mas também não eram aqueles porcos normais como os que se viam nas fazendas: eram maiores e de pêlo muito mais escuro.

— O Mundo vive desde sempre — explicou Lak. — No conto, nada permanece igual: tudo vive e tudo se transforma.

— Olhem para lá! — exclamou Hans Petter enquanto apontava para um elefante imenso que saía de um bosquezinho caminhando pesadamente. Mas não era um elefante normal. Tinha o pêlo comprido e de um castanho-avermelhado, como o de um urso, enormes presas brancas e uma grande corcunda nas costas.

— É um mamute — disse Lak, maravilhado. — No século XX não existem.

— Pergunto-me se aqui viverá algum ser humano — disse Anne Lise.

— Claro que existe — respondeu Lak, com uma expressão cheia de mistério. — Chama-se homem de Neandertal. Mas não é exatamente igual a nós...

Lik e Lak entreolharam-se.

— Para junto dos homens de Neandertal! — ordenou Lik.

E a esfera novamente se deslocou. Num abrir e fechar de olhos, as quatro crianças viram-se diante de uma encosta.

Com efeito, um pouco mais ao longe, puderam divisar uns seres semelhantes a homens, à frente de uma gruta escavada na montanha. Pareciam estar tirando bocados de carne da carcaça de um animal...

Hans Petter e Anne Lise esfregaram os olhos. Nunca tinham visto nada semelhante. Nem Lik e Lak, para dizer a verdade: só tinham visto homens de Neandertal sob a forma de nuvenzinhas de fumo, no interior de Pleroma.

— Mas são mesmo homens? — perguntou Anne Lise, desconfiada.

— São homens, sim — respondeu Lak. — Só que não são tão desenvolvidos como nós.

— Se calhar não conseguem pensar... — aventou Anne Lise.

— Claro que conseguem — respondeu Lak. — Mas os seus pensamentos são completamente diferentes dos nossos. Só agora é que o conto começa a ser consciente.

— Consciente?

Anne Lise não percebia bem o significado de «consciente».

— As plantas e os animais também vivem — explicou Lak, — mas não sabem. Não conseguem *pensar* que existem. Só os homens são suficientemente espertos...

As crianças olharam mais uma vez para aqueles sete ou oito homens de Neandertal, que se encontravam pouco mais adiante, à entrada da gruta. De repente, um deles levantou-se. Andava inclinado para diante, com os longos braços pendentes ao longo das ancas. Tinha a fronte muito mais baixa e larga que a dos seres

humanos modernos. Vestia somente um retalho de pele; de resto, estava completamente nu. Em compensação, tinha o corpo revestido de pêlos.

De súbito, os homens de Neandertal os viram, e correm imediatamente para o interior da gruta. Para eles, aquilo devia ser realmente um espetáculo insólito: uma esfera de cristal bem redondinha, com quatro crianças lá dentro.

— Agora quero ir para casa — disse Hans Petter. Já havia bastante tempo que não dizia uma palavra.

— Mas eu gostaria primeiro de ver Roma — disse Lak. — Oliver contou-nos tantas coisas interessantes sobre a época romana...

— Então, vamos fazer escala em Roma no caminho para casa — disse Hans Petter, aliviado.

— Para o Fórum, na época romana! — ordenou Lak.

E logo se viram sob uma laranjeira, em cima de um pequeno morro, de onde podiam ver a grande praça de Roma. As pessoas caminhavam por um passadiço em frente aos grandes edifícios de mármore. Ao alto de algumas colunas erguiam-se estátuas cor de ouro. Lik e Lak indicaram o templo de Júpiter, que se desenhava ao longe.

— Que lindo! — exclamou Anne Lise. — E como tudo é limpo! É tudo praticamente *novo*.

— Por que é que havia de ser velho? — perguntou Lik, espantada.

— Sempre pensei na época romana como em «tempos antigos». E assim, pensei que tudo devesse ser um tanto velhinho.

— Na realidade, é o contrário. Nos tempos antigos, Roma era nova. Nos nossos dias é que ficou velha...

— É tudo tão lisinho — continuou Anne Lise. — As pessoas têm roupas tão limpas e brancas.

— Pensava, por acaso, que as pessoas da antigüidade andassem sujinhas e de bainhas esfarrapadas?

Desta vez, Anne Lise pôs-se a rir. Era exatamente aquilo que sempre imaginara.

Subitamente, ouviu-se um altíssimo grito de júbilo. Deviam ser milhões de pessoas todas juntas, e as crianças da Rua da Montanha lembraram-se imediatamente dos gritos dos adeptos nos estádios.

Lik e Lak apontaram para um edifício de forma arredondada, à direita deles.

— É o Coliseu — informou Lak. — É lá que se dão aquelas terríveis lutas de gladiadores...

Lak teve de explicar a Hans Petter e Anne Lise do que se tratava. Os romanos faziam vir da África animais ferozes, porque se divertiam vendo-os lutar contra os gladiadores, que eram quase sempre escravos ou prisioneiros. Ou morriam os animais, ou morriam os gladiadores... Era um espetáculo realmente muito popular.

— As tribunas podem conter mais de cinqüenta mil espectadores — concluiu Lak.

De repente, ouviram atrás de si uns passos carregados. Viraram-se imediatamente, e viram-se perante dois soldados romanos armados até os dentes. Tinham sido descobertos!

Lik e Lak abriram a portinhola e desceram da esfera.

— Salve! — disseram os gêmeos. Os soldados recuaram, aterrificados.

— Castor et Pollux! — clamou um dos dois.— Miraculum!

— Pensam que somos os deuses Castor e Pólux — explicou Lik.

Um dos dois soldados voltou-se e deu um assobio agudo. Imediatamente apareceram outros seis soldados.

Foi então que algo de surpreendente aconteceu: embora pensassem que Lik e Lak fossem deuses, tentaram prendê-los. Hans Petter e Anne Lise ficaram com o coração nas mãos. Decididamente, os romanos, ao contrário dos antigos habitantes do Peru, não eram nada hospitaleiros. Eram mais ou menos como os de Bergen ou os de Nova Iorque.

Enquanto Lik e Lak corriam para a esfera de cristal, um dos soldados conseguiu apanhar Lik. Então Lak virou-se de repente e pregou um soco no estômago do soldado. Os gêmeos de Sukhavati entraram impetuosamente na esfera.

— Para a colina de Bergen! — ordenou Lak.

E eis a esfera no alto da colina que domina Bergen.

Depois de tudo o que tinham passado, era bom estar novamente em casa. As quatro crianças saltaram para fora da esfera e estenderam-se no bosque.

Mas... o elevador tinha desaparecido! Precipitaram-se para a beira do despenhadeiro e olharam em direção à cidade. Mas também ela desaparecera! Bergen já não existia...

De súbito, Lik e Lak desataram à gargalhada. Riam com gosto, enquanto Anne Lise e Hans Petter se olhavam, angustiados. Não era para rir; afinal, toda a sua cidade se dissipara no nada, tal como orvalho debaixo de sol.

— O que fizeram de Bergen? — perguntou Anne Lise, ressentida.

— Vocês nos enganaram! — gritou Hans Petter. Então, ao ver que os dois amigos estavam realmente assustados, Lik e Lak pararam de rir.

— É que nós esquecemos de dizer a época para onde queríamos ir — disse Lak. — Estávamos tão cheios de pressa ao sair de Roma, que até nos esquecemos de indicar a época. Dissemos apenas para voltar aqui, mas não dissemos para que ano.

— De fato, *estamos* em Bergen — continuou Lik. — Estão reconhecendo o fiorde e as montanhas, não? Só que estamos a uns milhares de anos do seu nascimento.

Hans Petter e Anne Lise não puderam deixar de sorrir. Mas Lik e Lak rolaram-se pelo chão afora gargalhando. Foi um pouco demais para os irmãos da Rua da Montanha. Para eles, aquilo não tinha tanta graça assim. Afinal, ainda não tinham se recomposto do susto.

Levantaram-se e olharam atentamente na direção da cidade que, de fato, não existia. Perceberam que não só a cidade faltava,

como toda a paisagem era ligeiramente diferente daquela que estavam habituados a ver dali de cima. As montanhas pareciam ser um pouco mais altas e aguçadas, e o fiorde parecia entrar mais profundamente pela terra adentro. As árvores e o resto da vegetação eram também diferentes, e havia umas plantas altíssimas que Hans Petter e Anne Lise jamais tinham visto.

— No intervalo de apenas dois mil anos, a paisagem transformou-se tanto! — refletiu Lak. — De fato, o conto vive, tal como um ser humano.

Entre as montanhas via-se aparecer prados exuberantes e vastas superfícies de pasto.

— Olhem ali! — exclamou de repente Anne Lise.

— Há vacas!

Referia-se a uma pequena manada de vacas que pastava exatamente no lugar onde, na atualidade, se ergue o auditório dedicado a Grieg.

— Também há umas casinhas — observou Hans Petter.

— Estão vendo?

— É claro — respondeu Lik em tom de mistério. — Bergen já é habitada. É exatamente neste período que os habitantes da zona começam a chamar este lugar de Bergen, ou melhor, Bjorgvin, como eles diziam. Significa «pasto no meio das montanhas». Há milhares de anos que existem fazendas aqui.

— Também há uma embarcação! — exclamou Lak, fascinado, apontando para um fiorde.

— O que me dizem, descemos para ver as vacas? — Lik olhava para os outros com grande emoção. — Ou vamos ver algum homem pré-histórico antes?

— Não! — respondeu Hans Petter, decidido. — Já estivemos no Saara, em Roma, em Nova Iorque, visitamos os índios e os homens de Neandertal. E agora estamos na nossa colina ainda antes de Bergen ter se tornado cidade... Acho que já vimos o suficiente!

Lik olhou-o, estupefata.

— Mas há *tantas* outras coisas para ver — disse. — Ainda não vimos as pirâmides do Egito, nem a Grande Muralha de China. Ainda não visitamos Moscovo nem Tóquio. Ainda não fomos à Idade Média, nem ao Egito, nem à Babilônia. E ainda nem pusemos o pé na Inglaterra!

Anne Lise suspirou, impressionada:

— Agora percebo bem que o Mundo é um grande conto. Mas não acha que por hoje já chega? Podemos voltar a fazer uma viagem maior nalguma outra ocasião.

— Nesse caso, quero dar um pulo no futuro — disse, decidido, Hans Petter. — Com os robôs, os carros que andam sobre almofadas

de ar, as estações espaciais e as pistolas *laser*.

Lik e Lak desataram a rir.

— Isso é impossível, não vê? — disse Lak. — A História ainda não chegou lá. Não é possível viajar numa época que ainda não existiu. O Universo dilata-se cada vez mais, na planície de Advaita, e o mesmo se passa com o tempo...

Hans Petter e Anne Lise fixaram o olhar sobre a cidade vazia, onde ainda poucas pessoas viviam. Ainda não havia nem os grandes navios nem os torniquetes do porto. Faltava também a ponte sobre Puddefjorp, a estação dos correios e o auditório dedicado a Grieg. E não havia sequer um único edifício alto.

Esta coisa do tempo, para dizer a verdade, era mesmo esquisita.

— O último momento do conto passou-se em Bergen, quando estavam para nos atirar água — continuou Lik. — Agora vamos ver como é que isso vai acabar.

— E nós temos de chegar em casa logo depois do cinema — lembrou-lhe Hans Petter, com firmeza. — Mas antes temos que nos trocar outra vez. Com certeza não podemos chegar a casa com estas roupas em cima de nós. Poderiam pensar que viemos de Marte também.

Mudaram novamente de roupa, deram uma última olhada à pré-história de Bergen, e entraram por fim na esfera de cristal.

— Para o presente! — exclamou Lak.

APANHADOS!

A esfera de cristal apareceu no ponto exato em que estivera dois mil anos antes. As crianças não perceberam deslocação alguma, não obstante terem dado um grande salto no tempo.

De fato, Bergen voltara ao seu lugar e, de repente, viam-se casas por todo o lado, tanto nos vales como nas encostas das montanhas. Num segundo, tinha havido uma mudança que, na realidade, durara centenas de milhares de dias.

Hans Petter e Anne Lise desceram da esfera de cristal e despediram-se dos gêmeos de Sukhavati. Lik e Lak prometeram voltar a estar com eles: bastava que exprimissem o desejo de se encontrarem na Rua da Montanha e, ops!, lá estariam eles.

Todos os quatro achavam que era melhor que Anne Lise e Hans Petter descessem antes de Lik e Lak voltarem a enfrentar os jatos de água na avenida. Os gêmeos de Sukhavati queriam desvencilhar-se sozinhos.

As crianças da Rua da Montanha despediram-se de Lik e Lak e dirigiram-se para o elevador. Era a primeira vez que faziam o percurso *montanha-vale* no regresso do cinema...

— Para a avenida! — ordenou Lak.

A esfera de cristal reapareceu no meio dos jatos de água vindos das mangueiras. Foi atirada para longe e, por pouco, não se despedaçou contra a vitrine de um restaurante. Pouco mais abaixo, ao longo da avenida, Lik e Lak viram o grande cartaz em que se sobressaía o escrito «SAARA».

Não se pode dizer que tenham recebido umas calorosas boas-vindas, no regresso daquela longa viagem pelo conto, mas aquela interrupção tinha sido positiva para ambos.

Nenhuma daquelas pessoas que estavam por baixo, imaginava longinquamente que fosse, que Lik e Lak tivessem partido: lá na avenida, não tinham desaparecido senão por uma fração de segundo, até menos que isso. Tinham desaparecido no espaço entre um e outro segundo, mais ou menos como uma folhinha de papel que se esconde entre duas páginas de um grande livro.

Mas nesse momento, o jato de água parou. Provavelmente, era só um ato de gentileza meramente passageiro. Lik e Lak abriram a portinhola da esfera.

— Parem com isso! — exclamou Lak.

Da multidão elevou-se um grito de espanto. Não pelo que dissera Lak, mas porque as pessoas tinham percebido de que dentro da esfera não havia quatro, mas duas crianças. Ninguém, lá em baixo, poderia imaginar que Hans Petter e Anne Lise estivessem naquele momento voltando para casa.

Exceto Olve, talvez. Estava novamente lá em baixo, entre a multidão, e agitava os braços.

— Bravo! — gritou. — Assim é que é!

Mais não pôde dizer, já que foi imediatamente apanhado por dois polícias, que o fizeram entrar num carro.

— O que é que fizeram com as duas crianças norueguesas?

Era o policial com o megafone.

— Estão ouvindo? O que é que aconteceu aos outros dois?

— Caíram numa fenda no meio de dois segundos! — respondeu Lak.

Não parecia que o policial tivesse compreendido as palavras do menino.

— Se vocês não se renderem já, vamos ter de apanhá-los à força.

— Não é bonito abusar do próprio poder em relação ao que não se consegue entender — respondeu Lik. — Os índios não fazem isso. Nem os homens de Neandertal!

Mas não conseguiram continuar, dado que, naquele momento, se aproximavam os reforços. Subitamente, ouviu-se um estranho zumbido por cima da esfera. Lá em cima, muito mais acima, viram um helicóptero, seguido por outros dois, que voavam ainda a maior altura. E a seguir, mais ainda: outros batalhões de helicópteros despontavam por trás da colina. Parecia um enxame de vespas mecânicas.

— Não acredito que aqueles helicópteros se dirijam às plataformas petrolíferas no mar do Norte — comentou Lak. — Aliás,

para dizer a verdade, temo que a sua missão não seja nada pacífica, e que o seu alvo sejam as esferas de cristal provenientes de Sukhavati.

— Mas não podemos nos render — disse Lik. — Se não ficarem sabendo e já, que a vida é um conto, não o saberão nunca.

Os helicópteros estavam cada vez mais próximos. Uns minutos depois, as hélices a motor zuniam a pouca distância da esfera. Como se não bastasse, as mangueiras, lá em baixo, recomeçaram o seu bombardeamento de água. A esfera guinou em direção a uma loja. Lá em baixo, na avenida, a multidão apinhava-se em torno de uma hoste de carros de polícia, carros de bombeiros e ambulâncias.

— Para o terraço dos grandes armazéns! — exclamou Lik, desesperada.

Deste modo, conseguiram um instante de trégua daquele fim do mundo. De lá de cima, viam um caos e uma confusão que nunca tinham assistido, nem no país de Sukhavati, nem durante a viagem ao reino dos Incas.

Mas não passou muito tempo até que fossem novamente localizados. Uns quatro ou cinco helicópteros voavam já na sua direção, vindos de todos os lados.

Lik e Lak poderiam ter ido perfeitamente para a Idade Média, ou ido parar na Grande Muralha da China. Ou no cume do Monte Branco. Ou, pelo menos, poderiam ter subido à montanha mais próxima. Mas tinha-lhes sido confiada uma missão, e deviam forçar um mundo renitente a perceber que esse mesmo mundo era um mistério. Daí que não pudessem simplesmente eclipsar-se na montanha mais próxima.

Quando os helicópteros se prepararam para aterrar no terraço dos grandes armazéns, os gêmeos de Sukhavati abriram a portinhola da esfera e saíram correndo. O mesmo fizeram treze ou catorze soldados da brigada de choque, armados até os dentes, que desceram dos helicópteros investindo para a esfera de cristal. Mas esta caiu para fora do muro do terraço, despencando na avenida. Lik e Lak ouviram o estrondo do vidro estilhaçado.

Era o som mais horrível que os gêmeos poderiam ter ouvido em toda a sua vida. E não tinham ouvido poucos, dado que viviam desde sempre e que tinham ouvido muitos barulhos desagradáveis enquanto trabalhavam na construção de Ananda.

Mas aquele não era o melhor momento para ficarem pensando. Os soldados aproximavam-se cada vez mais: os gêmeos já não tinham saída. Prender Lik e Lak seria agora tão fácil como prender qualquer outra criança.

De fato, não serve de nada não ter umbigo, quando nos encontramos rodeados por um batalhão de soldados, num terraço, a quatro andares do chão. Muito pelo contrário. Em casos como este, não é mesmo nada aconselhável não ter umbigo.

Lik e Lak olharam um para o outro, perscrutando-se. A ambos ocorreu o que Olívia lhes dissera antes da partida. Era um expediente a que deveriam recorrer só em caso de extrema necessidade. Mas aquele era um caso de extrema necessidade, o pior que poderia acontecer.

— PLEROMA! — exclamaram em coro. Naquele mesmo instante, ficaram completamente invisíveis, e não só para os soldados: nenhum dos dois podia ver o outro!

— Lik! — sussurrou Lak.

— Sim! — estou aqui!

Que alívio! Pelo menos podiam-se falar-se. Mas não tinham a certeza de que os soldados não pudessem ouvi-los. Por isso, atravessaram correndo o terraço dos grandes armazéns, indo esconder-se atrás de um grande tubo.

Não se viam mutuamente, mas podiam ver o que se passava à sua volta. Os soldados da brigada de choque estavam completamente desconcertados. Onde é que teriam se metido aquelas estranhíssimas criaturas?

Os soldados tinham conseguido destruir a esfera de cristal, mas tinham perdido de vista Lik e Lak, esvaídos como orvalho debaixo de sol.

São coisas que acontecem quando se persegue o incompreensível. Desde então, tenho refletido profundamente sobre

isso. No exato momento em que nos iludimos de ter explicado o inexplicável, este escorrega-nos por entre os dedos.

Os bravos soldados continuaram ainda por bastante tempo a andar pelo terraço em todas as direções, entre os tubos e os condutores de ar. Tinham recebido um treino perfeito no exército norueguês, mas não tinham aprendido a andar à caça do invisível. Por isso, aquela era uma batalha perdida. Umas horas depois voltaram a montar, de rabo entre as pernas, aqueles seus insetos mecânicos para, por fim, desaparecerem. Com certeza que, por aquela operação, não haveriam de receber nenhuma medalha.

Os gêmeos de Sukhavati viram-se finalmente a sós.

— AMORELP! — exclamaram imediatamente.

Lik e Lak trocaram um olhar penetrante.

— Já não temos a esfera de cristal — disse Lak. — Nunca mais poderemos ver as pirâmides do Egito ou a Grande Muralha de China.

Mas Lik não respondeu. Estava sentada com o olhar perdido no vazio.

— Se calhar nunca mais vamos ver Hans Petter e Anne Lise — continuou Lak.

Lik continuou calada. Só muito tempo depois se virou para o gêmeo.

— Pior do que isso — disse. — Isto significa que temos de ficar para sempre no Mundo. Nunca mais poderemos voltar ao país de Sukhavati...

Lak não tinha ainda pensado nisso.

— O quê? Vamos ficar para sempre dentro desta grande esfera? — perguntou com uma expressão apreensiva no rosto.

Lik disse que não com a cabeça.

— Não — respondeu, séria. — Não para sempre. — Não vê? Se estamos no Mundo, o tempo passa. A partir de agora, a nossa idade vai mudar: haveremos de crescer e de nos tornar adultos...

— Bah! — exclamou Lak. O pensamento mais desagradável, era o de se tornar adulto.

— Mas há uma coisa ainda pior. Uma vez adultos, vamos começar a envelhecer. E no fim, no fim de tudo, vamos ser banidos do conto, percebe? E isso acontecerá de repente, tal como quando chegamos. Nunca mais poderemos voltar atrás. Percebe, Lak? Nunca mais...

Ficaram os dois sentados a pensar, lá em cima, no alto daquele edifício.

Por cima das suas cabeças as nuvens perseguiam-se no céu.

Só agora entendiam o que significava viver como seres humanos no Mundo. De um momento para o outro, tinham-se tornado exatamente iguais às pessoas lá em baixo, que caminhavam pela avenida.

— O Mundo é um conto — disse Lik, com ar pensativo. — É um lugar lindíssimo, mas nada do que acontece no conto pode durar...

Eis o que acontecia no conto de Oliver, eis o que significava viver como um ser humano.

Lak enxugou uma lágrima que lhe escorregava pelo rosto.

Os gêmeos de Sukhavati ficaram ainda por muito tempo sentados no terraço dos grandes armazéns, num silêncio absoluto: não havia nada a dizer.

Já não se encontravam a viajar pelo conto de Oliver: doravante, eram parte desse mesmo conto.

Rapidamente se tornariam adultos, e um dia haveriam de desaparecer. Bastava que a Flor de Cristal deixasse cair algumas lágrimas.

«Pling... pling... pling...»

Não é fácil nos habituarmos à idéia de desaparecer para sempre, quando se vive desde sempre. Quanto mais tempo ficamos num lugar, mais difícil se torna separarmo-nos dele.

— Nem sequer sabemos como descer deste terraço — disse Lik tristemente.

Levantaram-se e olharam a avenida, lá em baixo. A vida retomara o seu curso, os perseguidores tinham-se retirado.

Começava a escurecer.

— Tenho frio — disse Lik.

— Tenho fome — lamentou-se Lak.

Naquele mesmo instante, ouviram um barulho próximo, como que um roçar nalguma coisa. Lançaram-se imediatamente para trás de um tubo. Porém, um segundo depois, já se tinham levantado e batiam palmas de alegria.

Era Olve! Trazia uma enorme mochila nas costas. Os dois meninos correram exultantes para ele.

— Ainda bem que ainda estão aqui — disse Olve, aliviado. — Estava com receio de que alguma coisa tivesse corrido mal.

— Mal? — exclamou Lik com ar assombrado. — O que aconteceu foi terrível. Nunca mais poderemos voltar ao país de Sukhavati.

Desataram ambos a chorar. Olve abraçou-os fortemente.

— Vamos lá, vamos lá — disse, tentando consolá-los. — Não estão sozinhos. Aqui no Mundo, vivem quatro bilhões de pessoas. E nenhuma delas vive eternamente...

Olve aconselhou as crianças a irem para casa dos irmãos da Rua da Montanha. Logo que os adultos tivessem verificado que Lik e Lak eram crianças normais, ainda que sem umbigo, iriam seguramente acolhe-los em sua casa.

— O que não podem é atravessar a cidade vestidos dessa maneira — continuou. — Aí, seria outra vez um pandemônio.

— Mas podemos nos tornar invisíveis — disse Lak.

— Não, isso não. Já se esqueceram do que Olívia disse? Só em caso de extrema necessidade, disse ela. Os seres humanos nunca aceitariam que vocês desaparecessem continuamente, tornando-se invisíveis. Ou que voltassem a aparecer assim, vindos do nada. Além disso, tornar-se invisível só para evitar uma situação difícil, parece-me um bocado descarado. Bem, pelo menos não é lá muito cortês.

Olhou os dois meninos com ar pensativo.

— Tenho umas roupas novas para vocês — disse. — Absolutamente modernas.

Olve abriu a mochila e tirou lá de dentro *jeans* e camisetas destinadas aos dois hóspedes de Sukhavati.

— Aqui está também algum dinheiro para o elevador ou para qualquer outra coisa que seja necessária. Mas antes de mais nada, temos é que descer deste terraço. Ali em baixo há uma escadas de emergência.

As crianças olharam para lá do peitoril, de onde se viam quatro andares. Presa à parede, desciam umas escadas estreitinhas.

Olve começou por descer primeiro. As duas crianças cerraram os dentes e seguiram-no. Uns minutos depois, viram-se sobre o asfalto da rua, mas... Olve tinha desaparecido. Parecia ter sido engolido pela terra.

Olha só quem fala de desaparecer no nada! Se calhar não queria mais nada com eles...

Lik e Lak atravessaram a cidade rumo ao elevador, todos vestidinhos de novo. Ninguém poderia imaginar que tinham sido eles que, apenas umas horas antes, tinham virado a cidade inteira de pernas para o ar. A esfera tinha se partido, e agora os gêmeos de Sukhavati eram crianças absolutamente normais.

Compraram os bilhetes do elevador até à paragem da Rua da Montanha e meteram-se pelo túnel onde Hans Petter e Anne Lise tinham sido presos naquela tarde.

Ei-los, pouco depois, em frente à casa branca.

Não mais de meio dia tinha passado desde que tinham saído dali e, no entanto, tinham estado no Saara. E em Nova Iorque e em Roma. E em muitos outros lugares.

Doravante, tudo seria diferente. Já não tinham a sua esfera de cristal.

Lik e Lak aproximavam-se circunspectos da casa. De dentro vinham vozes excitadas. Baixaram lentamente a maçaneta da porta. Estava aberta!

A QUESTÃO DO UMBIGO

Os gêmeos introduziram-se na casa. Mantiveram-se uns instantes no corredor: ouviam Hans Petter e Anne Lise a falar com os pais no primeiro andar.

— Mas é tudo verdade — dizia Anne Lise. — Os gêmeos de Sukhavati levaram-nos com eles para uma viagem em volta do mundo.

— Vocês endoideceram! — rugiu o pai, andando para a frente e para trás.

— Eles estão realmente convencidos disso — disse a mãe em tom conciliador, como que querendo desculpá-los.

— Eles sabem falar em todas as línguas. Até falam a língua dos índios; eles falaram com os Incas, no Peru...

Lik e Lak subiram as escadas pé ante pé, detendo-se no último degrau.

— Anne Lise — disse a mãe em tom de imploração. — Não *existe* nenhum país de Sukhavati. E não existem crianças sem umbigo.

— Lá isso existem! — exclamou Lik decidida, irrompendo subitamente pela sala adentro, seguida de Lak. — Eis-nos aqui.

Os pais de Hans Petter e Anne Lise recuaram uns dois ou três metros. A mãe tapou os olhos com uma mão. O pai, por seu turno, ficou ainda mais danado.

— Lik e Lak! — exclamou Hans Petter.

— Como é que correram as coisas lá na avenida? — quis saber Anne Lise.

Mas os gêmeos não tiveram tempo de responder, pois o pai apressara-se a retomar o controle da situação. No fundo, estava na sua casa.

— Pode se saber quem são vocês? — interrogou com voz autoritária.

— Somos Lik e Lak, do país de Sukhavati — respondeu Lik com uma vênia. Lak fez também uma pequena vênia e estendeu ainda a mão. Mas o pai não a apertou.

— Com que então, são vocês que comem pão e queijo debaixo das nossas camas — disse a mãe.

— E são vocês que andam dizendo bobagens aos nossos filhos! — irrompeu o pai, pregando um murro na parede, como se fosse a parede o alvo da sua zanga.

Lik e Lak não se deixaram impressionar, pelo contrário: sabendo que tinham razão, sentiam-se quase em posição de superioridade.

— Acreditariam no que Hans Petter e Anne Lise contaram, se nós lhes mostrássemos que não temos umbigo? — indagou Lik.

— Tinha que ser! Outra vez a história do umbigo!

O pai abanou a cabeça.

— É claro! — exclamou a mãe. — É claro que acreditaríamos. O problema é que não há crianças sem umbigo.

Lik não parou por aqui. Ocorrera-lhe uma idéia.

— Se fosse verdade que não tínhamos umbigo — continuou —, e que tínhamos vindo de Sukhavati, e que tínhamos viajado numa esfera de cristal que caiu de um telhado partindo-se em mil pedaços, e que nunca mais poderíamos voltar a Sukhavati...

Não conseguiu acabar a frase, desatando a chorar. A mãe acudiu imediatamente.

— ...*poderíamos ficar aqui?* — soluçou a menina.

— Partiu-se? — perguntou Anne Lise aterrorizada. Mas não conseguiu prosseguir, já que, nesse momento, o pai assenta um murro de tal modo forte na mesa, que faz cair no chão um vaso de flores, que se parte em mil pedaços.

— Tolices! — rugiu. — Bobagens, uma atrás da outra!

Aí, Lik e Lak ficaram zangados a valer. E foi uma sorte.

Todo mundo sabe que, quando estamos muito tristes, o melhor remédio é nos zangarmos, e muito.

— Então, veja só isto! — exclamaram em coro.

E sem esperarem resposta, despiram as camisetas, exibindo, ali no meio da sala, duas barrigas lisas como balõezinhos.

Os dois adultos ficaram petrificados. Ambos recuaram. O pai, que um minuto antes estava furibundo, sentou-se no chão choramingando como uma criança. A mãe, que devia saber qualquer coisa a mais sobre crianças, umbigos e coisas do gênero, aproximou-se de Lik e Lak e passou a mão de leve pela sua barriga.

— É... verdade... é mesmo... verdade — balbuciou.

— Por isso, todo o resto é verdade — concluiu Hans Petter. — Então, podem ficar conosco em vez de irem para a prisão.

Foi assim que os gêmeos de Sukhavati se tornaram autênticos pequenos seres humanos dentro do grande conto. Bem depressa passaram a viver na casa de Hans Petter e Anne Lise como seus irmãos.

— Claro, adotar uma criança do Vietnam não é fácil — disse o pai, no dia seguinte. — Mas ainda é mais difícil adotar duas vindas de Sukhavati.

Lik e Lak olharam-no, esperançosos.

— É claro que é preciso tempo para qualquer pessoa se habituar a uma criança com a pele de cor diferente — disse a mãe com ar apreensivo. — Mas penso que ainda seja preciso mais, para alguém se habituar a uma criança sem umbigo.

— Mas eles *têm* que ficar conosco — apressaram-se a dizer Hans Petter e Anne Lise. — Eles estão sozinhos no Universo...

— Não iremos incomodá-los — asseguraram os gêmeos de Sukhavati. — Conseguimos nos safar sozinhos desde a eternidade...

Mas albergar dois novos membros na família não era tão simples como contar dois mais dois.

Nos dias seguintes, aquela casa da Rua da Montanha, escolhida por puro acaso pelos gêmeos de Sukhavati quando da sua chegada à Terra, foi invadida por visitas. Em apenas duas semanas, a casa foi palco de um incrível vaivém, como nunca tinha sido ao longo de toda a sua existência.

Em primeiro lugar, chegou a polícia e os mais altos representantes militares do país. Depois, foi a vez dos médicos e dos peritos em cada uma das especialidades. Por fim, vieram as autoridades em matéria de ensino e pedagogia. Todos queriam ver os gêmeos de Sukhavati.

Embora Lik e Lak pudessem contar as histórias mais estranhas, havia uma só coisa que despertava o interesse de todos: as suas barrigas.

Antes ainda de os visitantes ultrapassarem a soleira da porta, os gêmeos já puxavam para cima as camisetas.

— Bom-dia! — diziam um após outro, à medida que iam chegando. — Podemos ver o seu umbigo?

— Não é ridículo que todos queiram ver uma coisa que não existe? — dizia Lak. — Andaram tanto só para ver uma coisa que *não* temos...

O fato é que nós, seres humanos, nos admiramos se, de repente, vemos qualquer coisa que nunca tínhamos visto. Mas ficamos igualmente boquiabertos se alguma coisa que sempre vimos, desaparece subitamente.

O fato de Lik e Lak não terem um umbigo no centro da barriga era, no mínimo, tão estranho quanto a possibilidade de terem dois ou três cada um.

Não bastava que pela casa da Rua da Montanha tivessem passado médicos e obstetras a apalpar as suas barrigas. Bem depressa se decidiu observá-los através de uma radiografia. De fato, quem podia garantir que não tivessem um ou dois minúsculos umbigos por baixo da pele da barriga? Mas nenhuma radiografia conseguiu detectar o mínimo vestígio de umbigo. Lik e Lak eram lisos e intactos em todo o corpo.

— Estas crianças não foram geradas no globo terrestre — afirmou, por fim, um radiologista.

— Eu iria mais longe — disse uma velha obstetra acorrendo em seu auxílio. — Estas crianças não nasceram e ponto final. Não têm umbigo, nem nunca o tiveram. E por isso, não têm uma mãe!

Esta «história do umbigo», como a tinha chamado o pai, era um acontecimento singular. Melhor, para dizer a verdade, aquilo não era senão uma grande confusão. O que diria o mundo inteiro se de repente se descobrisse que existiam dois seres humanos sem

umbigo? Poderia se dizer que tinham vindo do planeta Marte, mas como reagiria o mundo?

O governo norueguês decidiu, imediatamente, que tudo o que dissesse respeito a Lik e Lak, seria mantido em segredo. O mesmo, naturalmente, valia para toda a história de Sukhavati. Se o episódio vazasse, poderia desencadear reações imprevisíveis. O melhor, ainda, seria dizer que Lik e Lak eram dois órfãos fugidos de um circo húngaro, em *tournée* pelo Ocidente.

E assim foi: Lik e Lak receberam ordens de jamais revelar a vivalma que tinham ido parar na Terra a bordo de uma esfera de cristal. Deveriam dizer, isso sim, que tinham nascido e crescido na Hungria. Isto também poderia parecer estranho, mas pelo menos era um pouco mais verossímil.

De fato, na Hungria muitas coisas são diferentes, mas lá também, todas as crianças têm umbigo. A questão que agora se punha era: como é que Lik e Lak iriam esconder aquele seu pequeno defeito? Obviamente, nunca poderiam tomar banho na frente de ninguém. Numa praia com centenas de pessoas, um único indivíduo que passeia com uma barriga sem umbigo, não passa, com certeza, despercebido.

Para facilitar as coisas, um perito propôs que Lik e Lak fossem submetidos a uma operação, de modo a ficarem com um umbigo, tal como todo mundo. Mas Lik e Lak recusaram. Não queriam que os habitantes da Terra lhes fizessem um furo na barriga.

Quando o rebuliço passou, Lik e Lak puderam começar a sua vida na casa da Rua da Montanha como duas crianças normais. Pelo menos, eram absolutamente normais desde que estivessem vestidos, coisa que faziam sempre quando estavam fora de casa. O pai não gostava sequer que os dois andassem nus pela casa: as suas barrigas lisas ainda lhe dava impressão.

Após as férias de Verão, os gêmeos de Sukhavati começaram a frequentar a quarta série juntamente com Anne Lise. Hans Petter andava na terceira.

Que se tratavam de crianças especiais, os professores da escola rapidamente perceberam. Em História, sabiam ainda mais que a professora. Às vezes, estando distraídos, começavam a falar inglês ou alemão. Quando era assim, Anne Lise piscava-lhes um olho para fazê-los parar.

Mas havia uma outra coisa que os seus colegas de turma achavam um pouco insólita: os dois novos alunos húngaros nunca

faziam ginástica. Era bastante estranho, considerando que eram artistas de circo...

Ninguém imaginava que Lik e Lak tivessem chegado à Terra a bordo de um esfera de cristal apenas uns meses atrás. Exceto todos os peritos e especialistas, naturalmente, mas também estes deviam ter esquecido depressa todo o episódio. Pelo menos era isto que se podia concluir, dado que, passadas algumas semanas, nunca mais ninguém se apresentou na casa da Rua da Montanha.

A polícia tinha agido, evidentemente, de forma muito estúpida, ao perseguir Lik e Lak. Se pretendemos deter o incompreensível, precisamos usar a mesma delicadeza que usamos ao apanhar uma borboleta. As borboletas não se apanham, certamente, com helicópteros e brigadas de emergência.

Que explicação se poderia dar a todos os acontecimentos misteriosos ocorridos em Bergen naqueles dois dias?

Disse-se que as pessoas tinham assistido a um espetáculo de magia de que ninguém conseguira descobrir o truque; se calhar tinham sido utilizados raios *laser*. Mas nos jornais vinha escrito que uma coisa semelhante se passara simultaneamente também em Nova Iorque.

Alguém afirmava que a esfera de cristal era um disco voador proveniente de um outro sistema solar.

Ninguém, de qualquer forma, conseguia fornecer uma explicação convincente relativa àqueles misteriosos acontecimentos.

No início, o episódio ocupou todas as primeiras páginas dos jornais noruegueses e estrangeiros. Nos dias imediatamente a seguir, chegaram a Bergen jornalistas e enviados especiais das televisões de todo o mundo. Mas visto não acontecer mais nada, a questão caiu depressa no esquecimento. No fim, nem um rastro ficou, exatamente como acontecera quando Lik e Lak tinham desaparecido subitamente no terraço dos grandes armazéns.

Uma notícia é, de fato, qualquer coisa de *novo*. Logo que começa a ficar velha, perde qualquer interesse e torna-se uma «velharia». É pena, realmente.

Tinha sido um espetáculo deveras estranho ver Lik e Lak suspensos no ar dentro de uma esfera de cristal a poucos metros da

terra, bem no centro da avenida. Mas quanto mais uma coisa é incompreensível, mais depressa é apagada da memória.

Não nos agrada ruminar por muito tempo as coisas que não entendemos. É preferível esquecê-las. Quando não conseguimos dar uma resposta a uma pergunta difícil, das duas uma: ou ficamos a olhar com ar de imbecis, ou voltamos a cabeça para o outro lado e fazemos de conta de que não ouvimos a pergunta.

Não havia ninguém que soubesse de onde vinham Lik e Lak. Por outro lado, ninguém sabe sequer exatamente de onde vem o Mundo. Não é uma daquelas coisas em que se pense habitualmente. Mais facilmente nos preocupamos com o preço de uma bicicleta nova ou de quatro rodas para neve para o nosso carro.

Talvez tenha sido um espetáculo estranho ver Lik e Lak suspensos no ar dentro de uma esfera de cristal a poucos metros da terra, bem no centro da avenida. Mas não é igualmente estranho pensar que o Mundo inteiro está suspenso no ar?

Viver na Terra significa estarmos circundados de uma quantidade de perguntas inexplicáveis.

LOKESHVARA

A partir do momento em que conheci Lik e Lak na praça do mercado de peixe, nunca mais consegui que me saíssem da cabeça. E visto que passava todo o meu tempo a pensar neles, tive que pedir demissão do meu trabalho de professor universitário.

Um dia fui vê-los na casa da Rua da Montanha, pelo início de Setembro. Lik e Lak encontravam-se no Mundo havia cerca de seis meses.

Quando toquei à campainha, foi o pai de Hans Petter e Anne Lise que foi abrir. Nunca me vira anteriormente e, naturalmente, ficou um pouco desconfiado quando pedi para falar com Lik e Lak.

O fato de Lik e Lak não terem nascido na Terra, mas terem vindo de Sukhavati, mantinha-se, com efeito, absolutamente secreto. O pai tinha sempre medo de que qualquer coisa vazasse, e de que os jornalistas e enviados invadissem novamente a sua casa, onde o que queria, pelo contrário, era ficar em paz.

Expliquei que era um professor de húngaro, que no passado conhecera as duas crianças e que tinha acabado de dar uma volta de elevador. Para concluir, disse que teria aproveitado de bom grado a ocasião para conversar um pouco em húngaro.

— Afinal, não há muita gente que fale húngaro, aqui em Bergen — acrescentei.

Por precaução, antes de me apresentar na Rua da Montanha, tinha aprendido um pouco de húngaro, só para poder falar com Lik e Lak sem que os outros entendessem o que dizíamos.

— Com certeza! Faça o favor de entrar! — disse o pai. — Como disse que se chama?

— Sverre. Sverre Oliver Hansen.

Mal acabara de pronunciar o meu nome, na casa houve uma gritaria enorme. Eram os gêmeos, que tinham ouvido tudo.

— Olve! Olve! — exclamaram Lik e Lak correndo ao meu encontro e envolvendo meu pescoço com seus braços.

— Então, tudo bem com vocês? — perguntei em húngaro. — Meus pequerruchinhos...

Desataram a rir ao ouvir a minha pronúncia: acho que o meu húngaro ainda não era grande coisa.

Falamos ainda um pouco mais nesta língua, que nenhum dos outros entendia, e decidimos sair para dar um passeio.

Mal nos afastamos da casa, começamos a falar normalmente.

Os gêmeos contaram-me que naquela família se encontravam bem, e que também na escola tinham sido bem acolhidos.

— Quer dizer que se adaptaram sem problemas aqui, à Rua da Montanha — disse. — Mas... também se adaptaram bem ao Mundo?

Os dois fixaram-me sérios.

— Temos saudades de Sukhavati...

— Mas porquê? — perguntei, embora já intuísse a resposta.

— O Mundo é muito bonito — respondeu Lik séria. — Gostamos muito da natureza, de todos os animais, das flores e das árvores. Além disso, *acontecem* tantas coisas... todos os dias vivemos experiências novas.

— Só que nada aqui é eterno — continuou Lak. — Embora a vida na Terra dure muito tempo, sabemos que nunca será para sempre.

— Aqui nós crescemos — disse Lik agravando a situação. Olhava-me com aqueles seus profundos olhos escuros. — Já estamos dois centímetros mais altos, desde que chegamos. E no rosto da mãe de Hans Petter e Anne Lise, apareceram duas novas rugas. Nós percebemos logo estas coisas, porque estamos habituados a nunca ver nada mudar.

Compreendia o que Lik e Lak deveriam sentir, enalhados como estavam, num efêmero planeta no grande conto de Oliver.

Quando vamos para um país diferente, bem depressa começamos a sentir saudades do nosso. Deve ser ainda mais duro sentir saudades de toda uma realidade que é, toda ela, completamente diferente.

Os gêmeos de Sukhavati gostavam de estar no Mundo. Mas tinham perdido a eternidade...

E para quem já viveu a eternidade, isso significa perder tudo.

A noite, Lik e Lak saíam freqüentemente de casa para olhar as estrelas. Apontavam para o céu, e pensavam que lá em baixo, longe, muito longe, havia uma parede invisível. Para além daquele limite... ficava Sukhavati.

Num certo sentido, estavam sempre em Sukhavati, mas ao mesmo tempo encontravam-se à maior distância que alguém pudesse imaginar. Estavam prisioneiros no grande conto de Oliver.

À noite sonhavam freqüentemente que brincavam de esconde-esconde no interior de Ananda, o grande castelo de pedra situado no sopé do monte Sunyata. Ou então sonhavam que iam ver Oliver na gruta de Pleroma. E que ele lhes contava uma história...

No Outono, todos os alunos da escola de Lik e Lak foram a uma excursão de alguns dias a uma floresta, não muito longe de Bergen.

Os gêmeos de Sukhavati, sentados na caminhonete, olhavam a paisagem pela janela. Embora Oliver lhes tivesse falado do Mundo durante milhares de anos, e de aí viverem havia já uns seis meses, havia sempre qualquer coisa de novo a descobrir.

Estavam contentes. Acontecia-lhes esquecerem-se completamente de Sukhavati por longos momentos, e de assim gozarem sem reservas a vida sobre a Terra. Naquele momento, a coisa que mais os preocupava era a promessa, feita ao pai e à mãe de Hans Petter e Anne Lise, de ficarem bem atentos e não se mostrarem nus aos colegas durante a excursão. Nem sempre era assim tão fácil, mas já estavam habituados a recordar-se de não ser exatamente iguais às outras crianças.

Durante aqueles dias, deram longas caminhadas pela montanha, pescaram trutas num rio e até andaram a cavalo.

Tudo para eles era novo e excitante.

De súbito, uma manhã, aconteceu uma coisa fantástica. Para os dois gêmeos, entenda-se...

Lik e Lak tinham-se levantado antes dos outros. Queriam ver o amanhecer, pois tinham ouvido dizer que a aurora de Outubro, para quem estava na montanha, era um espetáculo imperdível.

No instante em que o Sol espreitou por trás da montanha, os gêmeos viram que os seus raios se refletiam sobre uma coisa luzidia que pairava no ar. Um objeto imóvel, semelhante a uma bola de sabão...

Um instante depois, a bola já se encontrava no chão, perto deles. Mas não era, de maneira nenhuma, uma bola de sabão. Era antes, uma grande esfera de cristal. E dentro da esfera de cristal estava... Oliver!

Lik e Lak puseram-se a agitar os bracinhos, gritando de alegria.

— Oliver! — gritaram.

Oliver caminhou ao seu encontro.

— Vamos lá, vamos lá, meus pequerruchos. — Não é preciso exagerar! E no conto, como é que as coisas estão correndo?

As duas crianças atiraram-se a ele.

— Está tudo bem. Mas a esfera se partiu...

— Ah, bem... E agora... agora imagino que queiram voltar comigo a Sukhavati...

Lik e Lak olharam um para o outro. De repente, perceberam que não era assim tão fácil responder àquela pergunta.

O que queriam, na verdade? Voltar para casa, para perto de Oliver, regressar ao castelo de Ananda, à eternidade? Ou preferiam ficar no Mundo com Hans Petter, Anne Lise e todos os outros?

Eram como duas crianças que tenham passado umas longas férias longe dos pais. Tiveram saudades dos pais durante todo o tempo, mas quando finalmente os pais vêm buscá-los... bem, aí sentem-se desiludidos pelas férias terem se acabado.

Os gêmeos de Sukhavati estavam muito afeiçoados ao Mundo. Mas sabiam igualmente que, se escolhessem ficar, continuariam a crescer, envelheceriam e um dia... um dia a sua vida teria um fim.

Lik e Lak permaneceram imóveis fixando-se olhos nos olhos. Estavam tão sérios como naquele dia em que tinham se enfiado na esfera de cristal na planície de Advaita, para empreender a grande viagem.

Ambos fixaram Oliver, e também ele os fixou, com um véu de tristeza no olhar.

Lik e Lak atiraram os bracinhos ao pescoço dele e desataram a chorar.

— *Não podemos* ir embora do Mundo — disse Lik fungando. — Ninguém que tenha estado na Terra pode querer trocá-la pelo que quer que seja. Aqui não iremos viver eternamente, bem sabemos, Oliver... mas umas horas na Terra valem mais que mil horas em Sukhavati.

Oliver afagou os seus cabelos negros.

— E além do mais, não podemos abandonar assim Anne Lise e Hans Petter — soluçou Lak. — Além disso, desaparecer desta maneira é descarado ou, pelo menos, não é cortês.

Oliver ergueu-o nos braços musculosos e apertou-o ternamente antes de pô-lo novamente no chão.

— Já imaginava... — disse em tom pensativo. — Sukhavati não é o melhor lugar para pessoas como vocês... Só queria dar-lhes uma última oportunidade de voltar atrás.

— Mas por que é que os habitantes da Terra não podem viver eternamente como em Sukhavati? — perguntou Lak.

— Por que é que tudo na Terra tem que morrer?

Oliver sentou-se sobre a urze.

— Sentem-se — disse —, vou contar-lhes tudo...

As crianças sentaram-se junto dele, Lik de um lado e Lak do outro. Oliver inclinou-se para frente e arrancou da terra um tufo de urze, colocou-a na frente dos olhos das crianças e disse:

— Consegui dar vida a esta planta, mas não fui capaz de prolongar o tempo que criei.

— Porquê? — perguntou Lak com voz dura.

— Não se pode tirar um peixe da água. Nesse caso, deixaria de ser um peixe...

Lik e Lak olharam-no assombrados, começando, porém, a entender as suas palavras...

— O mesmo vale para o Mundo — continuou Oliver.

— Se não fosse pelo tempo, nem sequer teria nascido o conto. Vocês gostavam tanto de ouvir as minhas histórias acerca do Mundo, precisamente porque aqui acontecem tantas coisas, porque aqui tudo é cheio de vida. Em Sukhavati, somos tão pouco ativos porque falta o tempo. Em Sukhavati, o único acontecimento importante é o

brotar das lágrimas da Flor de Cristal... e como bem se lembram, isso não acontece muitas vezes.

Oliver ficou sentado a ruminar os próprios pensamentos. Os gêmeos pensavam que ele estivesse se lembrando da Flor de Cristal...

— Na minha opinião, é muito triste que tudo aquilo que existe esteja destinado a desaparecer um dia — disse Lak num tom quase ofendido.

— Mas não é só triste, meu anjo. É o tempo que dá ao Mundo a sua frescura e a sua vitalidade. Sem o tempo, não nasceriam crianças, e essa é uma das coisas mais belas que possam existir... Pensem, ver crescer um novo habitante do Mundo! Em Sukhavati não podemos viver tais experiências. Agora vocês têm oportunidade de estar aqui, mas ao mesmo tempo, de preparar o conto para todos os que hão de vir depois de vocês. Todos na Terra participam na criação de um novo Mundo...

Lik fixou-o com os seus grandes olhos escuros:

— Com certeza haveremos de sentir saudades de Sukhavati. Mas lá, não conseguíamos pensar noutra coisa senão no conto...

— Pois é — continuou o velho.

— E nunca vamos poder mudar de idéia? — indagou Lak.

Oliver disse que não com a cabeça.

— Se voltar a Sukhavati sozinho, pois então esta será a última vez que nos vemos. Logo que chegar à planície de Advaita, esta esfera perderá o seu poder, e esta é a única esfera que existe em Sukhavati. Já sabia desde o início: a esfera só daria para duas viagens...

Lak apontou para a esfera de cristal.

— Mas esta também não foi feita com as gotas da Erva das Lágrimas?

Oliver anuiu com ar de mistério.

— Mas então hão de cair mais — tentou dizer Lak. — E nesse caso, poderá voltar aqui quando já tiverem caído suficientes para poder fabricar uma nova esfera de cristal...

O rosto de Oliver fez-se triste e vazio. Abanou a cabeça.

«Seriam necessários muitos milhares de gotas de cristal para poder construir uma outra esfera de cristal, e isto significa que devem passar outros tantos anos. Não serão muitos, para nós de Sukhavati, mas aí será muito tarde para vir buscar Lik e Lak. E um dia, um dia a Erva das Lágrimas secará. Pode ser que isso aconteça dentro de pouco tempo. A Flor de Cristal já não tem necessidade de chorar, agora que Lik e Lak vieram para o Mundo...»

Lik e Lak trocaram um olhar em que se liam espanto e inquietação.

— É agora que vai nos revelar o segredo? — perguntou Lik, hesitante. — Vai nos revelar o segredo da Flor de Cristal?

Oliver envolveu os gêmeos num abraço forte, forte.

— A Erva das Lágrimas não esteve sempre em Sukhavati — começou. — Um dia, há muito, muito tempo, chegou a bela Lakshmi vinda do país de Lokeshvara, a oeste de Sukhavati. É um país cheio de luz e de vida, tal como o Mundo... Lakshmi trazia consigo dois gêmeos... eram vocês. Mas em Sukhavati vocês se perderam: perderam-se no meio do monte de pedras do sopé do Monte Sunyata. Lakshmi procurou Lik e Lak durante muito tempo, mas nunca os encontrou. Por fim, teve que partir: caso contrário, nunca mais poderia regressar ao seu país. No momento de partir, Lakshmi chorou longamente; uma das suas lágrimas caiu sobre a encosta do Monte Sunyata. Aquela lágrima transformou-se na Erva das Lágrimas...

Oliver olhou sério para as duas crianças. O que estava a contar remontava a uma época tão longínqua, que Lik e Lak já não se lembravam de nada. Permaneceram sentados em silêncio, ouvindo a história de Oliver.

— Prometemos que, uma vez encontradas as crianças, tomaríamos conta delas, e foi isso que fizemos, desde que da Flor de Cristal brotou a primeira lágrima. Graças às pérolas de cristal, pudemos começar a contar o tempo, mas não só: o seu poder mágico também nos permitiu criar o grande conto.

Os gêmeos de Sukhavati permaneceram um longo momento sentados, com o olhar perdido no vazio. Afinal, nem sempre tinham estado em Sukhavati, desde a eternidade...

— Mas não é tudo — prosseguiu o velho. — O Mundo não foi criado por puro divertimento: o grande conto teve origem para que vocês pudessem viver num país que se assemelhasse àquele de onde um dia tinham vindo. Tentei lembrar-me de tudo o que a lindíssima Lakshmi contava de Lokeshvara; foi Olívia que deu vida às primeiras recordações. Por fim, conseguimos recriar aquele país estrangeiro. E por isso, num certo sentido, Lakshmi conseguiu levá-los para casa...

— E Lakshmi vai voltar? — perguntou Lik. Uma lágrima estava prestes a escorrer-lhe pelo rosto. — Lakshmi voltará um dia a Sukhavati?

Oliver disse que não com a cabeça:

— Se tivesse podido, já teria voltado há muito tempo...

De repente, ouviram uns barulhos que vinham do edifício ao lado.

— É melhor que se apressem a decidir, antes que nos descubram — disse Oliver, olhando para o edifício que albergava as classes que estavam em excursão.

Lik e Lak deram-se as mãos e olharam um para o outro. Deveriam escolher o Mundo, onde o tempo consegue transformar até as mais altas montanhas... ou Sukhavati, onde o tempo permanece imóvel?

— Ficamos aqui — respondeu Lik engolindo em seco. — Ficamos na Terra com os seres humanos. Ouviu, Oliver?

Lak não agüentou mais: abraçou o velho e pôs-se a chorar.

— Nunca te esqueceremos! — sussurrou. — Nem esqueceremos Ananda, mas de agora em diante o nosso castelo será teu. E cem mil abraços a Olívia da nossa parte... E se Lakshmi voltar a Sukhavati, um abraço também para ela...

Lik e Lak levantaram-se e começaram a dançar à volta do velho, tocando-lhe o corpo todo com as mãozinhas, sabendo bem que aquela seria a última vez...

— Nunca esqueceremos a missão que nos confiou — disse Lik, séria. — Faremos com que os seres humanos saibam que o Mundo é um grande conto...

— Mas não falem demais acerca de Sukhavati — disse Oliver por fim. — Nem acerca de Lokeshvara. Devemos viver onde nos foi dado viver: é por isso que sempre me calei em relação à origem da Erva das Lágrimas...

Naquele instante, uma coisa incrível ocorreu.

De súbito, Olve apareceu vindo de trás de uma grande rocha. Seguiria Lik e Lak durante todo o tempo e, se calhar, escutara as palavras que tinham trocado...

Cumprimentou Oliver com muita solenidade, e este respondeu-lhe com uma grande vênia. Por longos instantes, ficaram de pé olhando-se mutuamente, sem que nenhum deles ousasse falar. Na verdade, eram mesmo muito parecidos.

Acenderam ambos o cachimbo. Fumaram durante muito tempo, sempre de pé. Um e outro pareciam um pouco embaraçados. A única diferença entre eles, era que um emitia nuvens em forma de cães, gatos e morcegos, enquanto da boca do outro saía apenas um caos branco e fumacento.

— Vocês dois, vão para lá, para junto da esfera — disse Oliver.

Os dois homens queriam trocar umas palavras a sós. As crianças viram que Oliver pusera uma mão em cima do ombro de Olve. Parecia estar dizendo qualquer coisa muito importante...

Um pouco depois, Oliver fixou o olhar na paisagem. Os seus olhos estavam luzidios.

— Isto é Lokeshvara... — murmurou. — Eis como é esse país... Sempre soube como era, mas é bem diferente quando se está aqui...

Em seguida, foi também para junto da esfera. E foi então que as crianças perceberam que chorava. Pobre Oliver. Enxugou os olhos com as costas da mão, mas logo recomeçou a chorar. Enxugou-os novamente, mas logo parou de fazê-lo, deixando então que as lágrimas lhe escorressem, livres, pelo rosto.

As crianças da escola saíam correndo do edifício. Oliver tinha que desaparecer imediatamente.

A última coisa que os gêmeos de Sukhavati viram foi Oliver que, sentado dentro da esfera, lhes dizia adeus.

— Para Sukhavati! — ordenou.

E a esfera desapareceu. De repente, já nem se via rastro dela.

Lik e Lak nunca tinham visto nada de tão vazio como o quadrado de erva onde, um instante antes, se encontrava a esfera de Oliver.

— Agora é tarde demais! — disse Lak, dando o braço à gêmea.
— Está arrependida?

A menina dificilmente conseguiu articular palavra.

— Não sei... — disse apenas. E de novo desatou a chorar.

Abracei fortemente os dois meninos e disse-lhes que tinham de ir correndo encontrar os colegas.

— Nem um palavra, a ninguém — disse. — Nem mesmo a Anne Lise e Hans Petter, entendido?

E eu, que lhes conto tudo isto, eu que escrevi um livro, eu que não consigo pensar em mais nada, durante muito tempo fiquei ali, estendido no meio da urze, a chorar perdidamente.

Não chorava apenas por ter visto com os meus olhos o quanto tinham sofrido aquelas duas crianças ao despedirem-se para sempre de um grande amigo. Chorava por saber o quanto lhes iria custar viver aqui em baixo, como seres humanos. E talvez também por pensar que não viveria para sempre neste Mundo...

Depois deste episódio, comecei a visitar com frequência Lik e Lak, àquela casa da Rua da Montanha. Nunca falávamos de Sukhavati. Por vezes, chorávamos juntos, mas não dizíamos jamais a razão das nossas lágrimas.

Alguma vez já olhou as estrelas?

Alguma vez já ficou muito tempo na rua só para olhar as estrelas? Tanto tempo que até sentiu a cabeça girar? Não por estar com a cabeça virada para cima, não, mas porque o teu olhar consegue chegar tão longe.

O que *há* lá em cima, para lá das estrelas mais longínquas?

O que existe para lá de tudo?